



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA
ESCOLA DE FARMÁCIA



BRUNO DE RESENDE VIEIRA

**AS PLANTAS, A FARMÁCIA E O SAGRADO:
Aspectos do uso popular e o seu lugar na sociedade contemporânea**

Ouro Preto

2018

BRUNO DE RESENDE VIEIRA

**AS PLANTAS, A FARMÁCIA E O SAGRADO:
Aspectos do uso popular e o seu lugar na sociedade contemporânea**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Farmácia da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Farmácia.

Orientadora: Profa. Dra. Elza Conceição de
Oliveira Sebastião.

Área de Concentração: Farmácia

Ouro preto

2018

V657p

Vieira, Bruno de Resende.

As plantas, a farmácia e o sagrado [manuscrito]: aspectos do uso popular e seu lugar na sociedade contemporânea / Bruno de Resende Vieira. - 2018.

96f.: il.: color.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elza Conceição de Oliveira Sebastião.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Farmácia. Departamento de Farmácia.

1. Plantas medicinais. 2. Medicina popular. 3. Etnobotânica. 4. Antropologia médica. I. Sebastião, Elza Conceição de Oliveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 615.3:615.03



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Escola de Farmácia

TERMO DE APROVAÇÃO

As plantas, a farmácia e o sagrado: aspectos do uso popular e o seu lugar na sociedade contemporânea

Trabalho de Conclusão de Curso defendido por **Bruno de Resende Vieira** e aprovado com nota 10,0, em 03 de Dezembro de 2018, pela comissão examinadora:

Elton Luiz Silva

Dr. Elton Luiz Silva
(DEFAR-EF-UFOP)

Gustavo Henrique Bianco de Souza

Prof. Dr. Gustavo Henrique Bianco de Souza
(DEFAR-EF-UFOP)

Elza Conceição de Oliveira Sebastião

Profa. Dra. Elza Conceição de Oliveira Sebastião
(Orientadora-DEFAR-EF-UFOP)

Banho de Manjeriçã

Musica de Clara Nunes

*Eu vou me banhar de **manjeriçã**
Vou sacudir a poeira do corpo batendo com a mão
E vou voltar lá pro meu congado
Pra pedir pro santo*

*Pra rezar quebranto
Cortar mau olhado
E eu vou bater na **madeira** três vezes com o dedo cruzado
Vou pendurar uma figa no aço do meu cordão
Em casa um **galho de arruda** que corta
Um copo d'água no canto da porta
Vela acesa, e uma **pimenteira no portão***

*É com vovó Maria que tem simpatia pra corpo fechado
É com pai Benedito que **benze** os aflitos com um toque de mão
E pai Antônio cura desengano
E tem a reza de São Cipriano
E têm as ervas que abrem os caminhos pro cristão.*

- Clara Nunes.

AGRADECIMENTOS

O contato com o universo mágico/religioso do conhecimento popular me proporcionou conhecer mais sobre a cultura do povo brasileiro, bem como suas origens e a importância que essas práticas têm para o estabelecimento da saúde. Meu especial agradecimento é direcionado a Deus e aos meus familiares, a eles, minha eterna gratidão e agradecimento. Minha mãe, Patrícia Aparecida de Resende Vieira, é a minha principal referência de vida. Me ensinou que a persistência e a dedicação são essenciais para aqueles que almejam realizar alguma tarefa. Com ela, aprendi a ignorar as glórias e as derrotas e a nunca desistir. Obrigado pelo amor incondicional e por sempre incentivar meus estudos. Sem você, eu não teria nem começado essa jornada.

Também, com amor, agradeço ao meu pai, Vanderlei Aves Vieira, o qual sempre incentivou meus estudos e garantiu caminho seguro para a realização dos meus sonhos. Obrigado por ter me ensinado o gosto pelo cultivo lúdico de plantas. Com você, pude ter momentos inesquecíveis em que me ensinava a utilizar algumas espécies, bem como o cuidado com as mesmas. Agradeço também o carinho dedicado a minha coleção de violetas em São João del Rei enquanto eu estudava fora.

Também não posso deixar de reconhecer o apoio recebido por minha irmã, Joyce de Resende Vieira, minha companheira de batalha e meu porto seguro de todas as horas. Agradeço pelo suporte nos momentos felizes e em outros difíceis, nos quais estive ao meu lado conferindo força e renovação. A você, meu eterno carinho e amor. Também agradeço as minhas avós, Adair Alves Vieira (*in memoriam*), Olimpia Sant'Ana de Resende e Lúcia da Consolação de Resende, que sempre me apoiaram e torceram para meu sucesso e felicidade.

Na jornada, também me foram essenciais os anjos Maria Angélica Vaz Ribeiro e Antônio Carlos Ribeiro, bem como seus filhos, Antonio Carlos Ribeiro Filho, Elizabeth Ribeiro e Mariangela Ribeiro, e as amigas Alcione Augusta Vaz e Andreia Freitas Di Marco. Ao passo que, durante o tempo em que estivemos juntos, pude renovar valores morais e adquirir conhecimentos para vida toda. Hoje, os considero como parte da minha família.

Aos meus amigos, Anna Karolina, Silmara Braga, Luana Morato, Letícia Soares e Rafael Vieira, obrigado pelo companheirismo e amizade. Estarão sempre guardados comigo com muito carinho, junto a todas as lembranças e momentos de distração que tivemos juntos.

Destaco meu especial agradecimento à Profa. Dra. Elza Conceição de Oliveira Sebastião, do Departamento de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, amiga e orientadora desde 2014, com a qual pude desenvolver vários trabalhos. Sou muito grato por ter

acreditado em mim e pelo conhecimento passado ao longo destes anos. Com você, esse trabalho ganhou um brilho a mais, seus conselhos e ensinamentos me mostraram o “lado B da saúde”. Ficaram impregnados em minha formação a sua sensibilidade em relação aos valores éticos e o cuidado integral quando o assunto é saúde. Também, toda minha admiração e respeito ao Prof. Dr. Elton Luiz Silva, que, durante o tempo em que trabalhamos juntos no Laboratório de Farmácia Clínica da UFOP, tornou-se uma grande referência e uma fonte de inspiração na minha vida acadêmica.

RESUMO

Estudos mostram que a civilização ocidental dá importância exacerbada ao saber científico cartesiano em detrimento do conhecimento popular, valorizando a terapêutica alopática e química, prescindindo os tratamentos que consideram corpo, mente, espírito/alma, culturas e religiosidade. O objetivo deste trabalho foi investigar o uso popular de plantas com o propósito curativo por pessoas vinculadas a um centro espírita. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semi-estruturadas, feitas com voluntários participantes de um grupo de estudos de uma casa espírita selecionada por conveniência. A análise e interpretação dos dados foram realizadas a partir da análise de conteúdo, através da categorização dos dados. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP. Foram entrevistados sete participantes. Da análise das entrevistas, emergiram duas categorias: Uso Tradicional e Uso Místico das plantas, este advindo de revelação mediúnica. Os participantes apontaram 41 espécies de plantas, sendo três citadas como de Uso Místico. No total, 60 finalidades terapêuticas. Foi possível compreender e identificar quais plantas eram utilizadas como recursos terapêuticos místicos ou tradicionais e como os participantes se relacionavam com estes usos. De uma das plantas consideradas de Uso Místico, foi realizada uma revisão de literatura abordando seus usos na medicina popular, feita uma caracterização botânica, buscada suas ações terapêuticas comprovadas cientificamente e realizada uma análise dos riscos e benefícios de seu uso à luz de conhecimentos fitoquímicos. Concluiu-se que são fatores importantes no processo saúde/doença a religiosidade, a fé, a conexão dos povos com a natureza e o Uso Místico de remédios, que, muitas vezes, levam em conta o caráter da designação divina e da energia vital. O uso sobrenatural de plantas faz parte do processo de cura e não deve ser ignorado, uma vez que a espiritualidade é força importante na vida humana e pode ser, no mínimo, uma forma de estratégia de enfrentamento do indivíduo às doenças.

Palavras-chave: Uso místico de plantas; Uso popular de plantas; Etnobotânica; Antropologia médica; Farmácia clínica; Práticas Integrativas e Complementares.

ABSTRACT

Studies show that Western Civilization gives too much importance to Cartesian scientific knowledge in detriment of popular knowledge, valuing allopathic and chemical therapeutics, denying treatments that consider body, mind, spirit/soul, culture and religiosity. The objective of this monograph was to investigate the popular use of plants for healing by people from a Spiritist Center. This is a qualitative research, using semi-structured interviews performed with volunteers, who participate in a study group of a Spiritist Center, selected for convenience. The analysis and interpretation of the data were done by the content analysis through the categorization of the data. UFOP Research Ethics Committee approved the project. Seven interviews were performed. From the analysis of the interviews, two categories emerged: traditional use and mystical use of plants from mediumistic revelation. Participants pointed out 41 species of plants, three of which are cited as mystical. In total, 60 therapeutic purposes. It was possible to understand and identify which plants were used as mystical or traditional therapeutic resources and how the participants related to such uses. From one of the plants considered for mystical use, a review of the literature was written discussing its uses in folk medicine, botanical characterization, scientifically proven therapeutic actions, also risks and benefits of the plant's use through phytochemistry analysis. It was concluded that religiosity, faith, people's connection with nature and the mystical use of medicines are often important factors in health /disease process, which often take into account the character of divine designation and vital energy. Supernatural use of plants is part of the healing process so it should not be ignored, since spirituality is important in human life and can be at least a strategy for dealing with illness.

Keywords: Mystical use of plants; Popular use of plants; Ethnobotany; Medical Anthropology; Clinical Pharmacy; Integrative and Complementary Practices.

LISTAS DE ABREVIATURAS

BIREME – Biblioteca Virtual em Saúde,

CAPES – Portal Periódicos,

CGEN – Conselho de Gestão do Patrimônio Genético

DAF – Departamento de assuntos da família

DAM – Departamento de assuntos da mediunidade

DAPSE – Departamento de assistência e promoção social espírita

DC – Departamento cultural

DDD – Departamento de divulgação doutrinária

DEC – Departamento de evangelização da criança

DEJ – Departamento de evangelização do jovem

DP – Departamento de patrimônio

IBRA - Instituto Brasileiro de Aromatologia

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEDLINE – Literatura Internacional em Ciências da Saúde

MTC – Medicina Tradicional e Complementar

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIC – Práticas Integrativas e Complementares

PNPIC – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PubMed – National Library of Medicine,

Scielo – Scientific Electronic Library Online

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Informações dadas pelos entrevistados sobre as plantas que conhecem de Uso Tradicional e/ou Místico segundo a) Nome popular; b) tipo de Uso Tradicional (t) ou Místico (M) c) finalidade; d) parte utilizada e forma de uso (modo de preparo e como utiliza).....53

Quadro 2 - Informações coletadas das plataformas de buscas científicas sobre as ações terapêuticas comprovadas cientificamente segundo a) efeito específico; b) Forma e Partes utilizadas; e c) Tipo de pesquisa (Básica com animais/ *In Vitro* ou Clínica).....66

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Violeta Singela - <i>Viola odorata</i> L.....	64
Figura 2 - Violeta Singela – <i>Viola odorata</i> L.....	65
Figura 3 - Aparelho interno auditivo	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo geral.....	15
2.2 Objetivos específicos.....	15
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	16
3.1 A medicalização da vida.....	16
3.2 O homem e o uso de plantas.....	18
3.3 Comportamento humano e o conhecimento popular.....	19
3.4 A formação do conhecimento místico no Brasil.....	21
3.5 O uso de plantas medicinais.....	23
3.6 Conhecimento Tradicional/Místico e a Medicina Convencional.....	24
3.7 As Plantas no Sistema de Saúde.....	26
3.8 Ética e Pesquisa Etnobotânica.....	28
4 METODOLOGIA.....	30
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
5.1 Análise das Entrevistas.....	34
5.1.1 Bloco A – Uso Místico de Plantas.....	36
5.1.2 Bloco B – Uso Tradicional de Plantas.....	41
5.1.3 Bloco C – O Uso Popular de Plantas.....	47
5.1.4 Considerações finais sobre as entrevistas.....	51
5.2 As plantas citadas pelos entrevistados.....	52
5.3 A escolha da planta.....	57
5.4 Um pouco de história: a Violeta no mundo antigo.....	59
5.5 Caracterização botânica da <i>V. odorata</i> L. e uso na Medicina Tradicional Brasileira.....	63
5.6 Usos da <i>V. odorata</i> L. na Medicina Tradicional.....	64
5.7 Ações terapêuticas comprovadas.....	66
5.8 Benefícios e riscos do Uso Místico da planta à luz de conhecimentos fitoquímicos.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	86
APÊNDICES.....	95

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento tradicional possui origem milenar e, por muito tempo, foi a principal forma de tratamento e prevenção de doenças. Nos últimos séculos, a industrialização e o surgimento das empresas farmacêuticas impregnaram, na sociedade ocidental, comportamentos e percepções que relegaram a segundo plano o conhecimento tradicional e aspectos culturais dos povos. Estudos mostram que a civilização ocidental dá importância exacerbada ao saber científico cartesiano em detrimento do conhecimento tradicional, valorizando a terapêutica alopática e química, prescindindo os tratamentos que consideram corpo, mente, espírito/alma e as culturas (NASCIBEM; VIVEIRO, 2015; BRATMAN, 1998; SIMÕES; SCHENKEL; SIMON, 2001; SILVEIRA *et al*, 2016).

Tal fato contribui para a quimificação da vida e o abuso de substâncias industrializadas (ZORZANELLI; CRUZ, 2018). Portanto, as plantas medicinais e outras formas terapêuticas representam alternativas complementares, as quais devem ser investigadas a fim de identificar os princípios ativos, suas propriedades, segurança e eficácia terapêutica. Os estudos etnobotânicos estão alinhados à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, que buscam incentivar a valorização cultural e social de abordagem terapêutica não convencional e alopática (ZENI *et al.*, 2017). Neste sentido, incentivar e potencializar as políticas nacionais sanitárias integrativas é uma forma de criar mecanismos que permitam que o conhecimento popular seja valorizado (ROCHA; BOSCOLO; MORAES, 2015).

Considerando toda a biodiversidade brasileira, a pesquisa etnobotânica tem sido muito pouco explorada. No Brasil, observa-se uma postura apática quando o assunto são as investigações etnobotânicas, sendo seu papel mais relacionado ao fornecimento de matéria prima do que realmente explorador dos recursos naturais e do conhecimento popular. Essa lacuna representa perdas econômicas e sociais, podendo, inclusive, impactar na identidade cultural do povo brasileiro (MARTÍNEZ-ALFARO, 1994).

Assim, num momento da história em que a humanidade se encontra doente, as doenças do novo e velho mundo, entre elas as moléstias modernas psicossomáticas e tantas outras que assolam o campo físico e mental do ser humano, representam um chamado à ciência brasileira. É um momento oportuno para o estímulo à produção de estudos que explorem beneficentemente essa flora tão rica. Nesta perspectiva, mais pesquisadores nacionais terão autonomia para serem virtuosos, isto é, ocupar predominantemente o cenário das pesquisas etnobotânicas e, assim, exportar saúde por meio do que temos de sobra: a medicina natural (HEINZMANN; BARROS, 2007; SADRAEIAN, 2017).

Com todo o exposto, esse estudo pretende abordar o Uso Místico de plantas, buscando o reconhecimento da cultura tradicional, inclusive identificando práticas auto-curativas, tão presentes na sociedade brasileira, como formas complementares de cuidado. Espera-se, com esta pesquisa, identificar o conhecimento popular do uso de plantas, entender suas origens, conhecer suas diversas formas de uso e gerar material científico que consolide informações sobre o saber tradicional.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Estudar o uso tradicional/místico de plantas no tratamento de problemas físicos e psíquicos.

2.2 Objetivos específicos

1. Identificar, por meio de entrevistas, quais plantas são de Uso Místico para o tratamento de problemas físicos ou psíquicos;
2. Elencar uma planta específica apontada pelos entrevistados como de Uso Místico e eficácia terapêutica, e:
 - a) Justificar a escolha da planta e apresentar sua história;
 - b) Realizar a sua caracterização botânica por pesquisa bibliográfica científica;
 - c) Realizar revisão de literatura sobre ações terapêuticas comprovadas cientificamente desta planta;
 - d) Fazer uma abordagem sobre os benefícios/riscos do Uso Místico da planta segundo a literatura e à luz de conhecimentos fitoquímicos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 A medicalização da Vida

Quando uma pessoa está doente, as portas da subjetividade e da reflexão íntima ficam escancaradas, permitindo ao indivíduo aprofundar-se no autoconhecimento. Assim, a doença pode adquirir um novo significado quando o paciente passa a compreendê-la como uma ferramenta geradora de vitalidade. Em outras palavras, ela força o indivíduo a raciocinar as causas de estar doente e, dessa forma, ele pode traçar novos e saudáveis hábitos para sua vida. Neste sentido, essas janelas interiores são únicas a cada ser, isto é, cada pessoa é um universo de informações e sentimentos que devem ser explorados para o manejo eficiente no processo saúde/doença (GOMES; MERHY, 2014). Algumas dessas características estão em sintonia com conceito da espiritualidade trazido por Inoue e Vecina (2017, p. 128):

Espiritualidade envolve o domínio existencial, a essência do que é ser humano, direciona questões sobre o significado da vida, reflexão e a busca pessoal está relacionada com o transcendente ou o sagrado, não sendo assim, um sinônimo de uma doutrina religiosa e não necessariamente presentes em crenças ou práticas religiosas, ou seja, a espiritualidade pode estar ou não vinculada a uma religião.

Gomes e Merhy (2014), ao estudarem a obra de Eymard Mourão Vasconcelos, explicam que, para o autor, o processo de reestabelecimento da saúde é melhorado quando a relação entre o profissional de saúde/paciente é vista sob a ótica da espiritualidade. Em um tratamento, a espiritualidade não é importante apenas quando advinda do paciente, mas também é característica interessante ao profissional de saúde, que, ao desenvolver essa potencialidade em si, consegue compreender o doente de forma mais ampla e, portanto, pode tomar ações mais eficazes em torno do tratamento.

Com a racionalidade ocidental exacerbada e a medicalização da vida dos tempos modernos, a sociedade passou a buscar uma saúde idealizada, em que qualquer sinal de desalinhamento do indivíduo é gatilho para a medicalização. Neste contexto, as pré-doenças passaram a ser tratadas como doenças e a quimificação da vida tornou-se fato corriqueiro no dia-a-dia de muitos, representando, inclusive, graves riscos à saúde (ZORZANELLI; CRUZ, 2018).

Nesse tocante, sentimentos naturais à vida, como, por exemplo, momentos de tristeza, ou a busca por melhores desempenhos em esportes e tantas outras situações tornaram-se alvos de tratamentos medicamentosos. A busca incessante pela saúde e a forma física ideais faz com

que o corpo seja percebido como uma máquina, bem como contribui para o uso irracional de medicamentos e para a compreensão superficial do ser humano (SILVEIRA *et al.*, 2016).

Ainda nessa linha, estudiosos afirmam que a cultura de automedicação e outras características da sociedade contemporânea, como a valorização do imediatismo e do consumismo em detrimento de um conhecimento mais aprofundado do ser, estão em confluência com o processo de medicalização social. Exemplo disso é que, muitas vezes, os atendimentos médicos são julgados como de má qualidade pelos pacientes quando estes não saem com uma receita medicamentosa em mãos (BEUX; KUJAWA, 2015).

É visto que a religião e espiritualidade são coisas diferentes, entretanto, há uma similaridade entre elas nessa questão de significação da doença. Não obstante, a religiosidade também pode trazer melhoria aos tratamentos, pois produz um movimento interno para estabelecimento da cura, isto é, trata-se da mobilização do indivíduo e seu empoderamento durante o tratamento. Nessa perspectiva, estudos evidenciam que os impactos dessas concepções se traduzem em benefícios à saúde, como bem-estar psicológico, satisfação, melhor qualidade de vida e melhor recuperação da saúde e cura de doenças (INOUE; VECINA, 2017).

Assim o profissional deve buscar não apenas um conhecimento específico. Cada ser traz consigo patologias, fatores econômicos, emocionais, psicossociais, étnicos e culturais específicos, os quais fazem necessária uma abordagem menos mecanicista e mais pautada no diálogo por parte dos profissionais. Dessa forma, pode-se minimizar os impactos da medicalização da vida e o ciclo vicioso, no qual os sintomas são tratados, as doenças persistem e, ao longo do tempo, os pacientes adoecem ainda mais (BRASIL, 2009)

Se espírito é relação e vida, seu oposto não é matéria e corpo, mas a morte como ausência de relação. Nesta acepção, espiritualidade é toda atitude e atividade que favorece a expansão da vida, a relação consciente, a comunhão aberta, a subjetividade profunda e a transcendência como modo de ser, sempre disposto a novas experiências e a novos conhecimentos (BOFF, 2013, s/p).

3.2 O Homem e o uso de Plantas

Diversas análises correlacionam aspectos da relação homem/natureza e aprofundam-se no estudo da complexidade destes aspectos. Essa relação não é marcada apenas por caráter negativo exploratório, mas, também, pelo manejo produtivo e pela perpetuação das espécies vegetais. Prova disso é que o homem promove a perpetuação das espécies de plantas quando as cultiva e elas, por sua vez, podem possuir propriedades curativas que propiciam a manutenção da saúde humana. A forma como o homem interage com a natureza é frequentemente estudada por disciplinas como antropologia e a etnobotânica, e essas estão intimamente ligadas (SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015).

Alguns fatores que caracterizam a relação homem-planta são: o manejo das espécies vegetais e o uso delas na cultura popular e nas crenças religiosas. Além disso, há muitos fatores que devem ser levados em conta na pesquisa etnobotânica, como o comportamento humano e as abordagens que levam em conta corpo, mente, emoção e espiritualidade no processo saúde/doença. Nesse sentido, também é evidente a interação entre diversas profissões e a multidisciplinaridade da ciência etnobotânica, visto a dependência entre os saberes e a competência de cada uma delas como, por exemplo, a Farmácia, a Antropologia, a Agronomia, a Biologia, a Geografia e a Química (MACIEL *et al.*, 2002; ANDRADE, 2009; PATZLAFF; PEIXOTO, 2009; SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015).

“Dizer que o farmacológico e terapêutico é tão velho quanto à humanidade equivale a nos perguntar se o remédio nasce com a cultura, sendo apanágio do Homem, ou se a humanidade nasce com o ‘remédio’” (ANDRADE, 2009, p. 254). Isto é, podemos arriscar que a etnobotânica e a antropologia estão interligadas e podem ter nascido concomitantemente (MACIEL *et al.*, 2002; ANDRADE, 2009).

Uma pesquisa multicêntrica desenvolvida por Laura e colaboradores (2017) estudou um fóssil de Neandertal da região de *El Sidron*, Espanha, no qual foram encontradas informações valiosas que evidenciam o uso curativo de plantas para tratamento de sintomas de doença gastrointestinal do homínido encontrado. Ao longo da história da humanidade, as plantas foram empregadas na Medicina Tradicional, também em rituais, religiões e crenças, bem como no isolamento de substâncias e na produção de medicamentos alopáticos (JORGE; MORAIS, 2003; SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015).

O enfoque neste trabalho é investigar o uso das plantas com finalidade curativa, seja espiritual, energética ou em mitigar doenças físicas, considerando, assim, suas diversas formas no Uso Tradicional e no Místico. Há, portanto, algumas questões importantes: porque o homem

utiliza as plantas para buscar a cura? O Uso Místico, sem embasamento científico, deve ser deixado de lado? Esses usos, em alguns momentos, geram resultados benéficos

3.3 Comportamento humano e o Uso Popular de plantas

Hoje, apenas 35 anos depois, os peixes estão de volta. Talvez até seja possível nadar no Sena novamente. Foi necessário apenas parar de poluí-lo e o rio cuidou de si mesmo. Dada a oportunidade e tempo suficiente, ele purificou as próprias águas. Rios e riachos estão vivos. Como nós, tendem à “homeostase”, ao equilíbrio. Eles têm, de fato, um instinto para se curar (SERVAN-SCHREIBER, 2003, p. 187).

A partir desse trecho retirado do livro “Curar”, é possível identificar na escrita do autor, Dr. David Servan-Schreiber, a existência de uma espécie de instinto de sobrevivência. Desta forma, é possível inferir que este instinto pode ser responsável pela busca incessante do homem para atingir equilíbrio físico e mental através de diversos recursos, materiais e imateriais, como os presentes no Uso Tradicional e místico de plantas.

Na tentativa de compreender um pouco da relação homem-planta, é necessário um entendimento psicológico, cultural, comportamental e fisiológico da natureza humana. Assim, é possível questionar qual é o fundamento do homem buscar a cura pelas plantas não só pelo seu uso científico e empírico, mas, também simbólico. Nesse sentido, a seguir, serão apresentados dois estudos das obras de Sigmund Freud, David Hume e Darwin que tratam deste comportamento humano.

Segundo Soussumi (2006), a vida seria inviável, visto as muitas etapas biológicas até o nascimento e as diversas circunstâncias no decorrer da vida. O mesmo autor, em sua interpretação sobre a obra Freudiana, traz importante contribuição a respeito dessa integralidade do homem contemporâneo e da importância das emoções, do corpo e dos mecanismos de regulação internos e externos. O autor aborda que o ambiente externo é captado pelos órgãos sensoriais, mais conhecidos como o tato, olfato, visão, paladar e audição, e causam fenômenos regulatórios – mediados por neurotransmissores – e, assim, determinam nossas ações na formação dos sentimentos, como, por exemplo, prazer e desprazer, e a função desses na sobrevivência humana por meio de atividades de pensar, decidir, optar, agir.

O estudo de Matos (2007) propõe, a partir da compreensão dos postulados de David Hume e Darwin, que a natureza e o instinto fazem parte da estrutura do conhecimento humano e de outros animais, levando em conta o processo evolutivo do homem. Segundo o autor, Hume classifica o instinto ou natureza humana como um hábito, isto é, uma ação automática acertada nas realizações que levam ao desenvolvimento humano.

Nesse raciocínio, Hume considera o instinto natural do homem como essencial, pois o homem é parte menor da natureza do planeta e, portanto, ele está submetido aos mesmos padrões. O hábito (instinto) é harmônico e equilibrado com essa natureza, tendendo a favorecer as formas mais viáveis, ou seja, o comportamento frente a natureza e a sua relação com ela gera a manutenção da espécie. Desta forma, esse ponto de vista naturalístico sobre o comportamento humano une a filosofia, a experiência e o método (MATOS, 2007). Em seu trabalho, Matos (2007) ainda afirma que Darwin ensina que a luta pela vida é determinante entre a manutenção e a extinção do ser ou espécies.

Nessa perspectiva, a partir destes pesquisadores, pôde-se então abandonar a questão da designação divina na metodologia experimental e, assim, fazer um questionamento: seria o instinto de sobrevivência uma das molas propulsoras que caracterizam a busca humana pela sobrevivência por meio do uso de plantas? Não há uma explicação definitiva a respeito do comportamento humano, do seu instinto e da sua relação com a natureza, as teorias que levantam o desenvolvimento da espécie possuem diversas abordagens que vão desde a teologia até o método experimental (MATOS, 2007).

Neste sentido, muitas religiões e crenças trazem a questão do designio divino, no qual as tecnologias não descritas pela ciência atuam sobre o homem fazendo-o inspirado ou predeterminado a atingir os feitos do desenvolvimento e da evolução (JORGE; MORAIS, 2003). Desta forma, conceitos, crenças e teorias de caráter dogmático, religioso e/ou cosmológico são muito presentes no contexto do Uso Tradicional e místico de plantas como por, por exemplo, o uso de plantas na benzeção.

O uso das plantas, portanto, passa por um universo que vai além da compreensão humana atual. Depende do discernimento de cada um acreditar no que convém a ele, seja no uso da razão, experimentação, do conhecimento tradicional ou místico, isto é, a crença nas coisas que a ciência consegue ou não explicar (ANDRADE, 2009).

Com todo o exposto, é possível inferir que a vertente científica está inter-relacionada à vertente mística e que devem ser respeitadas e consideradas pelas políticas sanitárias. Ao mesmo tempo, estes estados inerentes ao homem (instinto/intuição) ajudam a justificar a busca secular de tratamentos pelo homem, tanto pelo conhecimento popular quanto na medicina convencional, isto é, no conhecimento místico ou científico para alcançar a cura (ANDRADE, 2009; MATOS, 2007; SOUSSUMI, 2006).

3.4 A formação do conhecimento místico no Brasil

Já é sabido e reconhecido que são fatores importantes no processo saúde/doença a religiosidade, a fé, a conexão dos povos com a natureza e o Uso Místico de remédios, que, muitas vezes, levam em conta o caráter da designação divina e da energia vital (SOUSA, 2014). O Uso Místico foi parte do processo de cura durante séculos de muitos grupos étnicos como, por exemplo, asiáticos, africanos, europeus e americanos. São exemplos de indicações religiosas, para a cura de pessoas, de animais e mesmo de lavouras, o uso de plantas na forma de benzeção, chás, banhos, incensos, garrafadas e outros (CAMARGO, 2014; ALVIM *et al.*, 2006).

Assim, para este estudo foram considerados como Uso Místico de plantas aquelas situações em que o movimento de cura tenha sido caracterizado pelo envolvimento de crença religiosa, fenômenos sobrenaturais, ação divina, situações dogmáticas e envolvimento de forças da natureza e/ou do universo não reconhecidas até então pelos avanços da ciência. O Uso Tradicional refere-se também a uma forma de uso popular de plantas, entretanto, sem o viés místico.

Camargo (2014), no livro *As plantas e o Sagrado*, traz informações valiosas a respeito da formação do conhecimento popular no Brasil. A seguir serão levantadas algumas discussões dessa autora a respeito da história do Uso Místico de plantas. Registros arqueológicos sobre as civilizações primitivas no Brasil datam de 50.000 mil anos e remontam a história dos povos caçadores que utilizavam, em sua alimentação, espécies animais e vegetais. A etnobotânica no país é marcada pela influência portuguesa, os primeiros registros do naturalista Pe. José de Anchieta já evidenciavam as riquezas naturais brasileiras. Os colonizadores inicialmente buscavam especiarias e, dessa forma, o contato com a nova terra levou à identificação de espécies vegetais e de práticas clínicas nativas. Nesse sentido também introduziram, no continente americano, plantas de diversas espécies com as quais os colonizadores já estavam ambientados.

As trocas médicas entre diferentes culturas foram muito comuns no Brasil, o que permitiu a formação de um consciente coletivo a respeito do conhecimento popular em virtude da interação entre as diversas etnias, principalmente negros, portugueses e índios. Este fato também deu vida à cultura peculiar que temos hoje. Narrativas jesuíticas apontam as técnicas de cura indígenas, bem como seu componente místico e ritualístico. Os pajés, detentores de conhecimentos e poderes sobrenaturais, tinham o hábito de reverenciar seus ancestrais em

práticas religiosas intimamente ligadas à natureza e, nesses rituais, utilizavam plantas, sementes, macerados, cataplasmas balsâmicos, entre outras.

Nesse contexto, as plantas psicoativas merecem destaque especial. É provável que elas estejam intimamente ligadas ao caráter sobrenatural, como, por exemplo, o contato com espíritos do passado nos rituais indígenas. Essas plantas também foram utilizadas e identificadas por aqueles indivíduos pertencentes aos bruxedos da Europa, que vieram para o Brasil no início da colonização fugindo do tribunal da inquisição.

A história do conhecimento popular também é marcada pela influência holandesa e portuguesa. Segundo a autora, no início da colonização, vinham para o Brasil médicos de baixíssima qualidade técnica, portanto, mesmo em um ambiente onde a cultura e as práticas indígenas eram subjugadas, havia espaço sadio para as crendices. A influência jesuítica e da medicina monástica vigente em Portugal também conferiram caráter místico religioso aos processos de cura na colônia. Mais tarde, as incursões realizadas em solo brasileiro por naturalistas de diversos países tiveram importante papel na formação e registro da história natural.

Os primeiros negros do Brasil vieram de Angola, Congo e Moçambique e, em seguida, chegaram os sudaneses. Em sua nova casa, o povo africano somou aos seus conhecimentos as espécies existentes na colônia e também introduziu plantas conhecidas na África. Outro ponto é que a visão cósmica em torno da medicina africana não era menos mística. Suas práticas eram consolidadas pelos feiticeiros e eram marcadas pelo estado de transe e estabelecimento de comunicações com entidades sobrenaturais. Assim, o uso de plantas no Brasil representa um elo importantíssimo entre as culturas europeias, indígenas e africanas. Essas trocas culturais ficam muito evidentes, por exemplo, nas características de religiões como a Umbanda e o Candomblé.

Notamos nestes procedimentos a forte influência exercida pelo catolicismo introduzido no País desde o período colonial, observado nas rezas empregadas pelas benzedoras ou rezadores, louvando a Virgem Maria, Jesus e santos católicos na busca de sua intercessão junto a Deus (CAMARGO, 2014, p. 220).

No trecho, é visto que a presença de elementos católicos nos processos de cura e na benção são muito comuns. Lima e colaboradores (2016) corroboram as impressões de Camargo (2014), pois trazem algumas considerações interessantes sobre a benção e a importância do processo de identificação com a prática curativa para a adesão do indivíduo a determinado tratamento.

Assim, propõem que a cultura de um lugar é baseada nas vivências e relações sociais, na formação e perpetuação de símbolos entre as gerações, sendo configurada por princípios que integram as pessoas e interferem no processo saúde/doença. Destarte, é entendido que o processo de saúde depende da harmonização das pessoas com esses símbolos presentes na cultura. Exemplificam a utilização de plantas para afastar energias ruins, maus-espíritos, mau olhar e quebrante em diversas culturas e religiões. A fé e o uso de plantas na benzeção como elemento curativo representam uma forma de terapia que vão além da Medicina Convencional e compreendem o indivíduo integralmente: alma/espírito, corpo, mente e natureza.

A benzeção é um recurso de saúde que tem suas origens na região dos Açores, na Europa, e tomou características próprias quando veio para o Brasil após a miscigenação. Na cultura indígena, nos rituais de purificação, eram utilizadas ervas concomitantemente à oração. A prática da benzeção, muitas vezes, era – e continua sendo – a primeira linha de tratamento escolhida por muitas pessoas, e é complementar a outras terapias convencionais. É dotada de caráter humanístico e representa um autocuidado importante presente na sociedade.

Para os adeptos da benzeção, a pessoa que benze possui um dom e o desenvolve por vontade própria, a fim de ajudar as pessoas que as procuram a fazerem uma ligação com o divino. Neste processo, a fé de quem está sendo benzido é muito importante. Nesta prática, há a utilização de “instrumentos” como plantas ou parte delas para o estabelecimento da harmonia física ou psíquica do “curando”, cuja busca pelo “curandeiro” geralmente é voluntária, isenta de cobranças e pagamentos monetários, partindo do princípio da doação e da caridade.

3.5 O uso de Plantas Medicinais

O uso das plantas está relacionado a diversas esferas do saber pré-científico.

Considerando tratar-se de um desdobramento da Etnobotânica, a Etnofarmacobotânica visa a resgatar de grupos humanos os saberes sobre as plantas medicinais e seus usos a partir dos remédios simples e compostos e as respectivas indicações terapêuticas (CAMARGO, 2014, p. 213).

Nesse sentido, são muito importantes os estudos etnobotânicos, os quais abordam os diversos aspectos da relação entre homem e plantas. Assim, Jorge e Moraes (2003) agrupam diversos conceitos criados ao longo do tempo a respeito do que é etnobotânica:

Em 1895 o americano J. W. Harshberger designou formalmente o termo etnobotânica, como sendo o estudo de plantas usadas por povos primitivos e aborígenes (...).

Atualmente, com base nos trabalhos já realizados, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (JORGE; MORAIS, 2003, p. 89-98).

Em muitas comunidades brasileiras, o uso de plantas se destaca como o principal método de prevenção ou cura de doenças, seja pela cultura local ou pela falta de recursos para primar a medicina convencional. O que se vê é o uso de centenas de espécies de plantas locais ou cultivadas sendo prescritas. Desta forma, favorecem a aplicação fitoterápica, apesar de que muita das vezes não se conhece as substâncias ativas presentes, mas se sabe, através do conhecimento popular, o seu uso e efeitos. Tal realidade atrai muitos pesquisadores a realizarem estudos multidisciplinares abordando plantas e as doenças relacionadas, sendo este um dos principais meios de descobertas de substâncias bioativas (MACIEL *et al.*, 2009; SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015). Como, por exemplo, a espécie *Viola odorata* L. planta utilizada na Medicina Popular Persa desde o século X e a partir da qual recentemente foram descobertas diversas substâncias de interesse medicinal (FEYZABADI *et al.*, 2017).

A pesquisa em etnobotânica é importante tanto para análise e produção de dados quantitativos quanto qualitativos, pois ambos são complementares. É de equivalente importância conhecer os usos terapêuticos cientificamente comprovados e a relação homem/natureza, os meios de produção, o uso terapêutico popular e a relação cultural (OLIVEIRA *et al.*, 2009). Jorge e Morais (2003) ensinam que pesquisas etnobotânicas podem ser feitas com a identificação do uso terapêutico por determinado grupo de pessoas. Esse método, normalmente, gera uma economia de tempo e dinheiro, devido ao conhecimento empírico dos grupos étnicos sobre o uso de determinada planta e, geralmente, se traduz na forma principal de identificação de substâncias ativas.

3.6 Conhecimento Tradicional/Místico e a Medicina Convencional

Pequenas e grandes descobertas, cada uma ao seu tempo, puderam contribuir para um ambiente mais seguro para todos nós. O conhecimento científico tem bases sólidas e fixadas na exploração dos recursos naturais e da vida no planeta terra e no conhecimento tradicional criado ao longo dos milênios (SALES; SARTOR; GENTILLI 2015).

Os termos “experimentador” ou “cientista” podem ser referenciados àquele indivíduo que tem uma formação acadêmica e utiliza dos laboratórios da academia, dos centros de pesquisa e indústrias para produzirem conhecimento. Existem experimentadores que exerceram

papeis fundamentais e foram peças determinantes para a medicina, tais como os mundialmente famosos Fleming, Sabin, Papanicolaou, Pasteur, Koch, além dos brasileiros Carlos Chagas e Oswaldo Cruz (ABRANTES; AZEVEDO, 2010).

De outro lado da ciência e da arte de curar, existem aqueles conhecidos como os curandeiros, os aventureiros da natureza, as benzedeiras, os pajés, as ‘vovozinhas’ e todos os outros que têm vínculo com Plantas Medicinais e estiveram presentes na formação do consciente coletivo da civilização humana. São considerados especialistas, fontes de um rico conhecimento no que se trata do uso das plantas. Esse conteúdo foi passado ao longo do tempo, de geração em geração, gravados em pergaminhos, escrituras antigas, junto a religiões e nas receitas familiares. Muitas vezes, o uso popular de plantas esteve representado pela consonância entre o homem e o cosmo, sendo marcante a visão mística, mágica ou místico-religiosa. Toda essa informação deu origem ao conhecimento popular que contemplamos hoje e, algumas vezes, quando estudados de forma mais detalhada, deram origem ao conhecimento científico (JORGE; MORAIS, 2003; SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015). Esse conhecimento é reproduzido pelo contato entre as gerações e esses elementos, remetendo a uma vivência, manuseio de plantas, à aprendizagem, isto é, trata-se a manutenção da cultura e da socialização do indivíduo no seu grupo étnico (JORGE; MORAIS, 2003).

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013, p. 15) a Medicina Tradicional é definida como:

(...) a soma total de conhecimentos, habilidades e práticas baseadas nas teorias, crenças e experiências de diferentes culturas, explicáveis ou não, usadas para manter a saúde e prevenir, diagnosticar, melhorar ou tratar doenças físicas e mentais.

Nessa perspectiva, podemos inferir que o conhecimento popular nos remete a algo que veio do passado e está vivo no presente e que é transmitido de geração em geração. O Uso Tradicional e Místico de plantas, portanto, está intimamente ligado ao povo que o utiliza, configurando não apenas uma opção terapêutica, mas, também, um aspecto cultural (ARAÚJO *et al.*, 2007).

Para fins práticos foi considerado para este estudo que o conhecimento popular engloba tanto o Uso Tradicional e o Uso Místico. Já a Medicina Convencional refere-se a medicina alopática comumente usada e os diversos tratamentos embasados cientificamente. Uma diferença marcante entre o conhecimento popular e a Medicina Convencional é a presença do caráter mágico/religioso, que evidencia o Uso Místico. O que se entende por “mágico/ místico” é o envolvimento de fé, o direcionamento de forças da natureza que atuam sobre os seres, isto

é, a interação entre homem, natureza, cosmos e a cultura social e religiosa. O conhecimento popular, ao transitar pelos diversos aspectos que a constitui, está em constante mudança e formação. Entretanto, talvez não haja realmente uma divisão tão abrupta assim entre essas ciências, por exemplo, a presença de elementos religiosos, de espiritualidade e da natureza em hospitais, relacionando a fé, a energia vital, a vontade de viver e a terapia medicamentosa à cura (JORGE; MORAIS, 2003).

O farmacêutico tem importante papel na abordagem desses grupos e de sua relação com a natureza, bem como no resgate e registro sistematizado dessas práticas, propiciando acesso à informação, à terapia alternativa, descoberta de curas e prevenção de doenças. Ainda, a descoberta de substâncias bioativas, valorização da biodiversidade, garantia da saúde, estímulo à pesquisa, formação de saber científico, bem como a divulgação do tema e a promoção do uso racional fazem parte do papel deste profissional.

3.7 As Plantas no Sistema de Saúde

Nas últimas décadas, as políticas em saúde vêm avançando na regularização da fitoterapia, inclusive no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Esses avanços são muito importantes, pois colocam à disposição da população o uso das plantas como terapia alternativa e complementar à alopatia. Da mesma forma, promove avanços em tecnologia de cultivo, sustentabilidade, pesquisas e descobertas, o que aumenta o número de registro de patentes, valoriza a cultura, resgata a biodiversidade e fomenta inovação nos setores da cadeia produtiva (SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015).

O Brasil possui em seu território uma das maiores fontes mundiais de biodiversidade e é território propício para geração de saber científico e desenvolvimento tecnológico nessa área. Entretanto, ainda caminha lentamente quando o assunto é investimento em pesquisas. A domesticação de plantas, avanços biotecnológicos e melhoramentos genéticos propiciam quantidade e qualidade para seu uso seguro. Em confluência, o conhecimento popular também se comporta com uma fonte de conhecimento que facilita a busca científica e isso representa um ganho material (SALES; SARTOR; GENTILLI 2015).

Segundo a OMS (2013, p. 15):

Os termos “medicina complementar” ou “medicina alternativa” referem-se a um amplo conjunto de práticas de cuidados de saúde que não fazem parte da tradição ou medicina convencional de um determinado país nem estão totalmente integrados ao sistema de saúde predominante. Em alguns países, esses termos são usados indistintamente para se referir à medicina tradicional.

No tocante às políticas e legislações em saúde, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) nasceu de uma demanda de diretrizes e recomendações das conferências internacionais e da OMS. A PNPIC representa uma forma de acesso a integralidade à saúde, por meio de tecnologias eficazes, seguras e acolhedoras. Bem como o desenvolvimento da terapêutica e a integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (GONÇALVES *et al.*, 2013). Além disso, sua incorporação no SUS traz benefícios e são formas integrais e complementares em saúde, como foi abordado por diferentes conferências nacionais, como, por exemplo, a 1º Conferência de Assistência Farmacêutica, em 2003, na qual foi enfatizada a necessidade do acesso aos medicamentos fitoterápicos e homeopáticos pela população (GONTIJO; NUNES, 2017; BRASIL, 2015).

No Brasil, resalta-se dois importantes marcos em relação às Práticas Integrativas e Complementares (PICS): a criação de normas e diretrizes no SUS para o atendimento em homeopatia, acupuntura, termalismo, técnicas alternativas de saúde mental e fitoterapia, em 1988, e a formação do grupo para elaborar a PNPIC, em 2003 (GONTIJO; NUNES, 2017; BRASIL, 2015). Atualmente, muitos estados e municípios contam com programas para garantir o acesso a fitoterapia. Segundo o Ministério da Saúde, a fitoterapia é compreendida como tratamento pelas plantas em diversas formas farmacêuticas e não considera a utilização de substâncias isoladas. Importante relembrar que o uso de plantas na prevenção e recuperação da saúde é milenar e que a OMS vem declarando a necessidade do incentivo ao uso das plantas na promoção a saúde desde a declaração de Alma-Ata, em 1978 (GONTIJO; NUNES, 2017; BRASIL, 2015).

3.8 Ética e pesquisa etnobotânica

A ética é um ponto forte no tocante à pesquisa etnobotânica, pois o pesquisador deve relatar aspectos do lugar, dos grupos e das plantas e as inter-relações entre elas, se abstendo do envolvimento emocional com o grupo ético estudado. Deve ter profundo conhecimento deste grupo, percebendo a cultura, as gírias locais e da relação das pessoas com a natureza (JORGE; MORAIS, 2003; ANDRADE, 2009; PATZLAFF; PEIXOTO, 2009).

No tocante à Medicina Tradicional e Complementar (MTC), a OMS (2013, p. 18-19) diz:

À medida que o MTC se torna mais popular, é importante equilibrar a necessidade de proteger os direitos de propriedade intelectual dos povos indígenas e das comunidades locais, bem como suas tradições de cuidados de saúde e, ao mesmo tempo, assegure o acesso à MTC e promova pesquisa, desenvolvimento e inovação.

A crescente investigação a respeito do conhecimento tradicional dotou este de interesse econômico, visto que os estudos etnobotânicos podem representar a movimentação econômica na esfera da Medicina Tradicional. O cenário atual ainda é marcado pela detenção das patentes e produtos gerados dos estudos em etnobotânica por países desenvolvidos, enquanto países em desenvolvimento que possuem grande biodiversidade - como o Brasil – atuam discretamente nessa área (MARTÍNEZ-ALFARO, 1994).

Assim posto, o Brasil necessita de medidas protetivas que visem o estímulo à produção nacional, a valorização do conhecimento popular e o acesso da população aos produtos gerados. Muitas vezes, essas medidas são vistas com maus olhos devido aos conflitos de interesse, principalmente de grandes indústrias farmacêuticas e de bioprospecção. Nesse sentido, o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) adota medidas provisórias que visam a proteção da biodiversidade brasileira, a valorização do conhecimento tradicional e o acesso aos benefícios oriundos da pesquisa pelo grupo étnico detentor do conhecimento tradicional (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Está em jogo também o processo de apropriação (ou expropriação) que a ciência faz da pré-ciência. Enquanto o saber e saber fazer não se torna sistematizado, racional, escrito patentado, editado ou industrializado é como se não existisse. É como se o conhecimento etnobotânico ou etnofarmacológico, por exemplo, como trabalho morto, transmitido no plano da cultura, da experiência vivida pelos povos ou grupos humanos, não pudesse ser reconhecido enquanto tal, mas apenas conhecido e utilizado cientificamente (ANDRADE, 2009, p. 255).

Nessa perspectiva, o conhecimento tradicional deve ser valorizado e referenciado quando pesquisas com essa abordagem geram saber científico. Relembrando que a Medicina Convencional (alopática) pode ser, em muitos casos, considerada ‘filha’ da Medicina Tradicional. A cultura ocidental é marcada pela percepção de que apenas os produtos científicos têm valor. Baseado nesse raciocínio, pode-se afirmar que o conhecimento tradicional foi, muitas vezes, rechaçado e, desde meados do século XX, o que se vê é uma retomada da investigação e utilização do mesmo, devido às discussões nos diversos painéis internacionais e nacionais que estão cada vez mais presentes (SALES; SARTOR; GENTILLI, 2015).

A troca de informações e a compilação fidedigna de dados usados na Medicina Tradicional para o meio científico é o objetivo da ciência denominada por etnobotânica. Esta, é intrinsecamente relacionada à antropologia e às ciências exatas e biológicas, visando compreender a relação das pessoas com a natureza, bem como os significados locais para os sintomas das doenças, a denominação das nosologias e os usos terapêuticos das plantas. Esses aspectos são muito importantes, visto que, uma leitura errônea pode trazer prejuízos à pesquisa, bem como a utilização errada de uma planta pela população e a perpetuação de um modismo no uso de uma planta sem bases fitoterápicas. (JORGE; MORAIS, 2003).

4 METODOLOGIA

Etapa 1: Pesquisa qualitativa semi-estruturada, exploratória e descritiva, realizada após aprovação do Comitê de ética em Pesquisa da UFOP (CAAE: 79959317.6.0000.5150). Foram conduzidas entrevistas com participantes considerados especialistas em Uso Tradicional e Místico de plantas de um centro espírita escolhido por conveniência. Os participantes deveriam cumprir os critérios de inclusão na pesquisa para serem entrevistados. Estas entrevistas se deram pela técnica de *snowball* após consentimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO B) e mediante roteiro de entrevista (APÊNDICE A). O roteiro de entrevista foi baseado nos instrumentos utilizados por Souza (2007), Souza (2005) e Ritter e colaboradores (2002). Ele trouxe questões sobre percepção dos entrevistados acerca os benefícios e riscos do uso de plantas, seja tradicional ou místico, e coletadas informações sobre fatores que determinam este uso.

Foram entrevistados sete especialistas. Os participantes do estudo seguiram alguns critérios de inclusão: Indivíduos adultos de ambos os sexos e que aceitassem participar da pesquisa após apresentação do TCLE. Foram considerados critérios de exclusão dos participantes aqueles que não desejaram participar, os menores de 18 anos e as pessoas que não puderem receber o entrevistador em seus domicílios no período estipulado.

As entrevistas, conduzidas por um roteiro semi-estruturado, foram realizadas individualmente, em situação face a face e gravadas em áudio, mediante o consentimento das participantes, em local apropriado em sua residência (conforme preferência do colaborador), para garantir as condições adequadas de conforto e privacidade. Os voluntários foram informados sobre a importância de sua participação, assegurando-lhes o anonimato e a liberdade de desistirem sem nenhuma perda pessoal ou financeira. A pessoa que optou por participar da pesquisa ficou ciente de que os dados obtidos apresentados por elas podem ser publicados em veículos de propagação científica sejam eles favoráveis ou não. Após todos os esclarecimentos, os participantes assinaram o TCLE. As entrevistas foram gravadas utilizando um aparelho celular e, posteriormente, o arquivo digital foi gravado e salvo com senha de proteção para acesso. Caso o/a participante se sentisse desconfortável em gravar sua voz, seria utilizado um gravador com recursos especiais que alteraria a voz do/da colaborador (a). Se assim mesmo não tivessem permitido a gravação de voz, a entrevista seria realizada sem gravação (para evitar constrangimento), mas os dados não seriam transcritos e esses indivíduos não seriam usados como participantes no estudo. Estes procedimentos não foram necessários.

A pesquisa seria suspensa e encerrada se nenhuma pessoa aceitasse participar, assim como o pesquisador suspenderia imediatamente o estudo caso percebesse algum risco ou dano ao participante não previsto no TCLE. Qualquer evento que ocorresse nesse aspecto seria notificado ao Comitê de Ética em Pesquisa.

A metodologia proposta para a realização da coleta de dados não pressupôs a utilização de nenhum tipo de instrumento que causasse dor ou dano físico e nenhum tipo de atividade que comprometesse a integridade física dos participantes. Compreende-se que a metodologia proposta poderia causar algum tipo de desconforto aos participantes que não se sentissem inteiramente à vontade para falar sobre o tema. A fim de minimizar esses constrangimentos, caso o participante não se sentisse confortável em responder algumas questões, elas seriam abstraídas, passando para uma próxima pergunta. Se necessário e solicitado pelo participante, a entrevista seria suspensa.

Após a fase das entrevistas, a análise de conteúdo seria realizada identificando-se os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, o que possibilita evidenciar todos os estímulos aos quais o sujeito é submetido (MINAYO, 2006; BARDIN, 1977). Uma planta indicada como de Uso Místico foi, mediante justificativa, foi escolhida e submetida a resumo na literatura científica (etapa 2), objetivando realizar a sua caracterização botânica; realizar revisão de literatura sobre suas ações terapêuticas comprovadas; e abordar os benefícios e riscos de seu Uso Místico à luz de conhecimentos fitoquímicos.

Segundo Godoy (1995), o estudo de caso possibilita o estudo aprofundado da unidade amostral. Visando ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular, este tipo de pesquisa tem por objetivo proporcionar uma vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real. É uma pesquisa qualitativa que tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder “como” e “porque” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.

Etapa 2: A pesquisa sobre a planta de Uso Místico foi realizada mediante busca em literatura científica, utilizando as bases de dados: Scielo - Scientific Electronic Library Online), PubMed - National Libery of Medicine, BIREME - Biblioteca Virtual em Saúde, CAPES - Portal Periódicos, LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e MEDLINE - Literatura Internacional em Ciências da Saúde. Foram selecionados artigos

publicados nos idiomas de inglês e português e as palavras-chave utilizadas foram: *Viola odorata e therapeutics*, *Viola odorata e ações terapêuticas* e *Viola odorata*.

Também foram fontes de informação científica as bases secundárias e terciárias, como livros científicos disponíveis no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e de domínio público disponibilizados na internet. As informações coletadas foram consolidadas para cumprir os objetivos desta pesquisa e estão demonstradas nos resultados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Local de realização do estudo (Unidade amostral): Por conveniência, foi selecionada a Casa Espírita, localizada em Juiz de Fora - MG. Foi contatada anteriormente por *e-mail* no intuito de obter permissão para a apresentação da proposta. Caso não houvesse adesão, outra unidade amostral com características semelhantes (espiritualista) seria contatada até que a abordagem a seus membros fosse permitida.

A Casa Espírita foi fundada em 1919, na cidade de Juiz de fora. Em maio daquele mesmo ano, firmou-se que o patrono da casa seria o espírito Francisco de Menezes Dias da Cruz. O centro espírita conta com os seguintes setores: Departamento de Assuntos da Família - DAF; Departamento de Assuntos da Mediunidade - DAM; Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita - DAPSE; Departamento Cultural - DC; Departamento de Divulgação Doutrinária - DDD; Departamento de Evangelização da Criança - DEC; Departamento de Evangelização do Jovem - DEJ e Departamento de Patrimônio - DP.

A Casa Espírita está localizada no Centro Juiz de Fora e exerce diversas atividades, sendo sede religiosa comprometida com as questões sociais e culturais. Com o uso de terapias “complementares” de promoção a saúde, seja física e/ou psicológica recebe pessoas independente de sua cultura e religião. A intenção desse estudo não foi a de obter informações a respeito da doutrina espírita ou compreender como esta entende o uso de plantas medicinais, mas, sim, a de encontrar pessoas que pudessem ter algum conhecimento sobre o uso popular para explicar sua visão pessoal, isto é, como se sente e/ou pensa sobre essas formas terapêuticas tão presentes na sociedade brasileira.

Processual: Os dados foram coletados no mês de janeiro de 2018. Antes, o projeto deste estudo foi apresentado à presidente do grupo, que analisou a proposta e, posteriormente, autorizou a pesquisa na casa espírita. Ela mesma foi uma das entrevistadas, pôde dar seu parecer sobre o assunto e indicar outras pessoas que acreditava serem detentoras de conhecimento. Desta forma, os outros entrevistados foram sendo contatados e as entrevistas marcadas. As entrevistas foram realizadas mediante agendamento prévio, estabelecendo data e horário da conversa. A assinatura do TCLE sempre ocorria antes da entrevista.

O tempo estimado para as entrevistas foi de aproximadamente de 60 minutos. Caso o tempo fosse extrapolado, ou o participante estivesse impossibilitado, ou o entrevistador percebesse que o momento fosse inadequado, seria agendada nova entrevista, entretanto, não foi necessário.

Análise dos dados: Os registros em áudio foram transcritos na íntegra e literalmente. Os dados áudio-gravados e transcritos integralmente constituem o *corpus* de análise. À cada participante, foi atribuído um codinome. Vale destacar que a análise das transcrições e análise do material foi realizada apenas pelo entrevistador.

Para organização dos resultados das entrevistas, foram registrados minuciosamente expressões de sentimentos, gestos, atitudes, silêncios, bem como as impressões do pesquisador, com a finalidade de captar todas as informações contidas na gravação. A transcrição do discurso foi lida repetidas vezes, a fim de proceder a classificação das ideias e dos conteúdos convergentes e divergentes.

Os dados coletados, após a aplicação do questionário, foram compilados, analisados e organizados de forma adequada, possibilitando o levantamento dos fatores que contribuem para o Uso Místico e tradicional de plantas pelos indivíduos do grupo estudado.

Foram entrevistados sete participantes, residentes na cidade de Juiz de Fora, MG, com as seguintes características:

- Faixa etária: De 53 a 90 anos (o mais novo nascido em 1965, e o mais velho, em 1928).
- Sexo: Um do sexo masculino e seis do sexo feminino.
- Faixa de renda: De dois mil a dez mil reais.
- Escolaridade: Três possuem curso superior e quatro possuem o ensino médio completo, sendo um deles capitão reservista do Exército Brasileiro.

Após a análise das entrevistas, observou-se que os participantes fizeram 60 relatos de uso popular de plantas. Ao todo, foram citadas 41 plantas de Uso Tradicional para diversas doenças e, dentre os relatos, três foram consideradas de Uso Místico. Estes resultados foram expostos no Quadro 1, alocado após a análise das entrevistas.

5.1 Análise das Entrevistas

Para melhor compreender os dados obtidos das entrevistas a respeito do Uso Tradicional e Místico, o assunto foi separado em três blocos:

- A) Uso Místico;
 - A1) O Uso Místico de plantas;
 - A2) Uso de plantas para tratar doenças do corpo e da alma;
 - A3) Crença no poder de cura das plantas.

B) Uso Tradicional;

B1) A relação pessoal com as plantas;

- a) “O costume familiar”: contexto histórico/cultural do Uso Tradicional e Místico de plantas em suas origens;
- b) “A busca por alternativas”: que não tinham nem o contexto do Uso Tradicional e nem do Uso Místico;
- c) “A descrença no misticismo”: apenas contexto histórico/cultural do Uso Tradicional de plantas;

B2) Os motivos que levam ao Uso Tradicional de plantas;

B3) O que elas pensam sobre o Uso Tradicional de plantas.

C) Uso geral de Plantas;

C1) Os riscos no uso de plantas;

C2) Como as plantas agem;

C3) A importância de estudos sobre o uso popular de plantas.

5.1.1 Bloco A – Uso Místico de Plantas

A1 - Qual a sua opinião sobre o Uso Místico de plantas?

Vários estudos evidenciam o Uso Místico de plantas para o tratamento de doenças do corpo e espirituais, indicando que tal prática é comum na sociedade (SILVA *et al.*, 2018). Entretanto, em todas as entrevistas houve, rejeição quanto ao uso do termo “místico”. Inicialmente o termo pareceu estranho para P1. Assim, foi necessária uma abordagem mais ampla para que então ele compreendesse sobre o que estávamos conversando. O mesmo foi feito com todos os participantes. Dessa forma, puderam expressar melhor o que sentiam ou pensavam sobre o assunto. Camargo (2014, p.30) traz um conceito interessante a respeito do Uso Místico:

(...) interação que se estabelece entre curador e consultante em rituais de cura, se torna sagrado, ao ser investido de poder, todo o conjunto ritualístico compreendido de elementos materiais e imateriais empregados, (...) aos quais são atribuídas propriedades que transcendem às classificações taxonômicas, formulas químicas e análises farmacológicas.

Outra característica comum foi sobre o efeito da fé, do efeito placebo e da vontade de estar curado. Segundo Camargo (2014), um dos pilares que regem a medicina popular no Brasil é a credibilidade nas crenças, portanto, ela é um dos fatores presentes no Uso Místico de plantas que, por vezes, desempenha papel crucial no processo de cura. Todos os entrevistados(as) acreditam que essas variáveis podem gerar benefícios aos tratamentos, independente se estes sejam classificados como místicos ou tradicionais.

P1: Mas, eu não considero o místico, eu considero o uso natural como qualquer outra droga. Místico não, não é bem esse termo.

Entrevistador: (...) existe o uso místico que também é muito presente na sociedade, ele envolve a crença, a fé, o envolvimento de forças da natureza, do cosmos e até mesmo o efeito placebo. É presente em diversas religiões e também é muito usado.

P1: Nesse ponto de vista, eu acho que concordo plenamente. As orientações obtidas em centros espíritas e de umbanda são válidas. Até hoje eu obtive bons resultados.

Em outro momento, ao ser questionado (a) sobre a benzeção com plantas o (a) entrevistado (a) P1 respondeu: “Eu não duvido, mas nunca utilizei. Mas, não duvido”.

Ao analisar as falas, foi possível perceber que o que é considerado místico pode variar de acordo com o ponto de vista de cada pessoa. Considerando a entrevista como um todo, ficou evidente que a comunicação mediúnica é um fenômeno considerado natural para o (a)

entrevistado (a). De encontro essa informação, P1 em uma de suas falas, anteriormente citada, enquadra essas comunicações obtidas em centros espíritas e de umbanda por via mediúnicamente como místicas, entretanto, foi um processo de analogia com o conceito de místico exposto pelo entrevistador. Nesse sentido, afirma que as experiências por ele obtidas dessa forma foram benéficas.

Assim, inferimos que não seria justo generalizar a aceitação do entrevistado (a) quanto ao uso místico em todas as suas formas. No decorrer da entrevista, foi perceptível que o entrevistado não repugna os outros usos considerados sobrenaturais presentes na sociedade como, por exemplo, a benção, mas deixa claro que não acredita ou utilizaria todos.

“Eu acredito mais nos efeitos químicos de cada planta, não o uso místico. Sabe, não acredito nisso” (P2, 2018). Durante a entrevista e nesta fala é possível perceber que o(a) entrevistado(a) não buscaria no Uso Místico a cura para uma doença que o(a) afligisse, pelo contrário, ter compreensão da terapia com o viés científico é essencial, visto a importância atribuída aos efeitos químicos das plantas.

P3: Eu não sei muito bem sobre isso, principalmente esse negócio de místico.

Entrevistador: Tem alguma planta que você conhece como de Uso Místico?

P3: Místico eu não sei não.

Durante a entrevista, o(a) entrevistado(a) P3 não respondeu diretamente sobre o Uso Místico, assim, juntamente ao contexto, essas duas falas levam a crer que o(a) mesmo(a) não se sentia à vontade para tratar do assunto. De forma oposta, durante a entrevista, o Uso Tradicional de plantas foi tratado com muita facilidade, como é possível identificar nas análises dos próximos blocos.

Eu acho complicado, porque, para você fazer um uso de uma planta você deve pegar e conhecer, o princípio ativo, para que que serve. Então esse uso indiscriminado eu tenho restrição. A não ser que seja usado por pessoas que tenham o conhecimento do que estão fazendo (P4, 2018).

O(a) entrevistado(a) P4 é graduado(a) em Farmácia e tem uma postura cautelosa em relação ao uso de plantas. Em praticamente toda a entrevista, manteve sua opinião e pensamento focado no conhecimento científico, isto é, não aprova o uso de plantas sem que antes tenha sido feito uma investigação que garanta a segurança do indivíduo que for utilizar.

“Eu acho ótimo, posso falar ótimo porque eu tenho provas. Eu mesma já fui curada de labirintite, muitas pessoas já foram curadas de labirintite” (P5, 2018). Com essa fala, o(a) entrevistado(a) deu início a um relato de Uso Místico das entrevistas. É perceptível que a

participante teve contato direto com o Uso Místico e sentiu alguns benefícios. Entretanto, em análise de outras falas colocadas mais adiante e no contexto da entrevista como um todo, em relação ao Uso Místico, P5 tem muita similaridade a P1, ao encarar a comunicação mediúnica como fenômeno natural e não utilizar ou acreditar em todas formas de Uso Místico.

Eu acredito que as pessoas usam, mas da minha parte eu não tenho essa questão do místico não. Se vai colocar três, sete... isso aí eu não levo em consideração não. Mas que muitas pessoas têm, têm sim. (...) Eu penso mais na questão de ser uma coisa natural, por ser nessa linha natural. Não tenho essa preocupação que algumas pessoas têm como por exemplo preocupar com a lua que vai colher (P6, 2018).

Nestas falas, é possível perceber que o(a) entrevistado(a) não recrimina o uso. Entretanto, ele/ela não vê sentido no Uso Místico para si mesmo(a). Na fala, acaba valorizando o conhecimento tradicional, do qual conhece alguns usos.

Não vejo assim. Porque o estudo, a evolução, o entendimento, buscando conhecer, ler mais sobre o que de fato é credence e até que ponto tudo é verdadeiro ou até que ponto aquilo não passa de especulação que o povo gosta de fazer (P7, 2018).

Considerando o contexto em que a fala foi dita pelo(a) entrevistado(a) e a entrevista como um todo, é evidente a postura racional a respeito do uso de plantas, desta forma, o(a) entrevistado (a) valoriza o Uso Tradicional e, assim como os outros participantes, não acredita ou utilizaria o Uso Místico de plantas para efeito curativo.

A2 – Você acredita que as plantas podem ser utilizadas para tratar doenças da alma?

Em resenha do livro *As doenças da alma*, de Julia Kristeva, Carneiro (2002, p. 217) remete ao dualismo corpo/alma ocidental tratado pela autora como: “implantado no mundo grego e sobrevivente contemporâneo da lógica do tratamento da dor na medicina e na psicanálise”. Nesse sentido, considerando a receptividade ideológica e religiosa dos entrevistados, a pergunta que representa este bloco foi concebida. Ao serem questionados, todos os participantes afirmaram que as plantas são importantes para prevenção/cura e/ou equilíbrio do corpo e nada têm a ver com a cura de doenças da alma.

Em análise sobre a obra de Platão, Siqueira-Batista e Schramm (2004) definem que:

A alma é, pois, a instância imortal e mais importante do ser humano, representando a sede do verdadeiro conhecimento e da conduta moral — isso atrelado à contemplação das Idéias perfeitas.

Os mesmos autores afirmam que para o filósofo as doenças morais poderiam ser classificadas como doenças da alma, como exemplo a busca por prazeres excessivos.

Não foi feita essa pergunta ao/a entrevistado(a) P1. Durante a entrevista, ele/a deixa claro que não acredita, mas não duvida, como exemplificado em A1. Portanto, seria redundante a pergunta, visto que, em outros momentos da conversa, o(a) entrevistado(a) deixa claro que os efeitos das plantas são físicos devido à ação de moléculas ativas presentes na planta.

Físico. Só físico. Quando as plantas já não funcionam mais, aí as pessoas precisam fazer algum movimento para se curar. (...) Antes de você adoecer o corpo um dos seus corpos etéricos já estão adoecidos. (...) Antes dela se manifestar no corpo ela se manifesta já na mente, na alma, na psique da pessoa (...) no espiritismo o peri-espírito. (...) Podem ser usadas no uso místico, só que eu não acredito. Podem ter efeito, a fé remove montanhas, mas eu não acredito. Elas funcionam pelos princípios ativos que elas têm. Mas se você acredita vai te trazer alguma coisa (P2, 2018).

Nas falas aqui colocadas, fica claro que, assim como P1, P2 acredita que os efeitos das plantas se dão mediante as propriedades farmacológica que estas possuem. Quando afirma que as pessoas precisam fazer um movimento para se curar, P2 refere-se à necessidade de mudança de posturas e hábitos que somatizam doenças corporais. Esse/a entrevistado(a) traz um conceito de doença marcado pela psicofísica. Para ele/a todas as enfermidades se manifestam no plano psicológico antes de apresentar-se no corpo. Primeiro, se adocece a mente/psique e comportamentos e, depois, com resultado, o corpo adocece.

Ao ser questionado(a), P3 absteve de responder se as plantas podem ser usadas para problemas da alma. Como resposta, relaciona alguns chás que para ela podem ser usados em momentos que a pessoa esteja passando por algum tormento psicológico: “Chá calmantes, hortelã, por exemplo Melissa, Erva cidreira que é muito bom para dormir” (P3, 2018).

Entrevistador: A senhora já usou alguma vez uma planta para cura de doenças alma?

P4: Não.

Entrevistador: Você acredita que elas possam ser usadas como, por exemplo, espiritual?

P4: Não, espiritual não.

Durante a entrevista, fica claro que o(a) participante acredita que o ser humano é espírito e corpo, por isso os questionamentos pelo entrevistador tiveram essa roupagem. Neste contexto, ele/a esclarece que não acredita que as plantas podem ser usadas para cura da alma/espírito.

Ah isso não. A doença da alma é com a gente. A doença da alma eu acho assim, se a pessoa te fez um mal, te respondeu mal, foi grosseiro com você ora por ele, o coitado,

porque eu sou feliz e ele não é. Então eu peço assim, eu acredito muito no nosso pensamento que se eleva a Deus (P5, 2018).

Para P5, as plantas só podem ser usadas para a cura do corpo.

Eu não tenho conhecimento muito sobre isso não, mas essas que atuam como calmante, elas serenando, acaba tendo condições de coordenar melhor os pensamentos, acaba influenciando também, se busca uma alimentação natural, um recurso natural de alguma forma está tratando sim, porque, está deixando de impregnar de coisas do mundo. Por esse lado eu penso que sim. Nunca parei para pensar profundamente sobre isso não, mais a questão natural mesmo (P6, 2018).

Para P6, seria um efeito químico que atua acalmando a pessoa e, assim, essas mais serenadas poderiam pensar melhor sobre as doenças da alma. Dessa forma, fica claro que P5 acredita que diretamente elas não podem atuar sobre as doenças da alma.

Assim como os outros participantes, P7 acredita que as plantas atuam tratando apenas doenças do corpo. “Olha, a planta não cura doença do espírito não. A planta cura doença da carne o que cura a dor da alma é a fé” (P7, 2018).

A3 – Você Acredita que as plantas têm poder?

Silva e colaboradores (2018), citando Bastide (1971), assumem que as espécies vegetais podem ser usadas em preparações para tramentos mágicos ou medicinais, devido ao poder sobrenatural que é específico a cada planta, nesse sentido, podendo ser utilizados sozinhos ou em combinação. Contrapondo esse pensamento, todos os entrevistados afirmaram não acreditar que as plantas possuem algum poder sobrenatural.

P1 (2018) afirmou: “Poder não, tem efeito curativo, poder seria misticismo. Não é bem poder não”. Nas palavras de P2 (2018), “as plantas só são um *start*, um lembrete para o seu corpo que ele pode se curar”. Já P3 (2018) disse que “se a pessoa realmente acreditar naquilo, e fizer bem... Depende de cada pessoa”.

Essa pergunta não foi feita à P4, pois ficou muito clara, durante a entrevista, a postura cética do(a) entrevistado(a) em relação ao Uso Místico. Do contrário, se realizada a pergunta, poderia gerar um inconveniente ou mal-estar na conversa.

“Ah tem, poder curativo. Eu fiquei bem e nunca mais tive labirintite, eu vou fazer 90 anos esse ano e nunca mais tive labirintite” (P5, 2018). Apesar da resposta afirmativa, fica evidente, durante a entrevista, que, para P5, os efeitos da planta não se devem a um poder sobrenatural. Tal percepção pode ser confirmada na fala do(a) entrevistado(a) em C3, em que

atribui a cura ao fato de tomar o chá das folhas que possuem propriedades e, também, em C2 quando afirma o valor positivo dos resultados das investigações científicas.

P6 (2018) afirma que: “Tem plantas que sim, o manjeriço, o alecrim, ela traz, assim, um bem-estar. Ou incomoda muito ou a pessoa gosta. Então vai trazer uma certa tranquilidade, tudo que a gente se sente bem traz também uma tranquilidade interior”. Apesar de positiva, a resposta, quando analisada levando em conta a percepção geral na entrevista, a partir dessa frase, percebeu-se que ele/a estava se referindo ao efeito químico, sensorial e o bem-estar que a planta traz e não a um poder sobrenatural. Nesse sentido, existe a ciência Osmologia, a qual estuda os odores, e a reações comportamentais e emocionais que as percepções olfativas causam aos seres. A diferença entre essa ciência e a Psicoaromaterapia é que esta última estuda os efeitos dos óleos essenciais 100% puro (IBRA, 2018).

Então se nós sabemos que tudo é gerado por energia há uma energia entre a planta e o corpo físico. Através do pensamento nosso. (...) não importa qual é a medicação que você esteja utilizando, se é de uma planta ou se é de um laboratório, o que vai dentro de você o seu psicológico é que vai fazer a reação eficaz daquela medicação (P7, 2018).

Outra vez, dentro do contexto da entrevista, é evidenciado que o(a) entrevistado se refere ao efeito da fé nos tratamentos, assim, deixa claro que, para ele/a, a fé e a vontade de se curar são determinantes em um tratamento.

5.1.2 Bloco B – Uso Tradicional de Plantas

B1 – Histórico de uso popular de plantas

Na busca da cura, é natural que o ser humano avalie os riscos e os benefícios antes de aderir a uma terapia, seja ela medicamentosa ou não. Há de se levar em conta que as pessoas possuem características-chaves que influenciam em suas tomadas de decisões, determinando se elas estão dispostas ou não a optarem por um tratamento. Dentre elas, características biológicas, psicológicas e sócio-culturais podem influenciar no processo saúde/doença (MORAES; ROLIM; COSTA JR., 2009).

A adesão a tratamentos com plantas não é diferente. Também é visto que a identificação do paciente com a terapia é um fator que contribui para que o processo terapêutico se estabeleça (LIMA *et al.*, 2016). Nesse sentido, uma pessoa que tem incorporado, em sua cultura, contexto familiar e local onde cresceu, o histórico de vivência e/ou experimentação do uso de plantas

tem maiores probabilidades de optar por um tratamento com Uso Místico ou tradicional de plantas.

Portanto, essa variável foi levada em conta durante as análises das entrevistas. Nesta perspectiva, os dois entrevistados, P1 e P5, que relataram tanto Uso Místico quanto o Tradicional de plantas têm uma característica em comum: possuem em seu contexto histórico/cultural o Uso Tradicional e Místico de plantas. Em outras palavras, em vários momentos de suas vidas tiveram contato com essas práticas curativas. Assim, pode-se inferir que essas características contribuíram para que esses participantes se sujeitassem a começar um tratamento com plantas medicinais indicadas por via mediúnica. Nesse sentido é considerado místico a indicação terapêutica, e não o uso da planta em si.

Nessa perspectiva, a mesma linha de raciocínio nos leva entender o motivo pelo qual P4 não é adepto(a) ao uso popular de plantas: a mesma afirma que seus ancestrais contemporâneos não tinham a cultura de utiliza-las para o tratamento de doenças. Da mesma forma, o Uso Místico não foi comum ao contexto histórico/cultural de P2, P3, P4, P6 e P7, assim, é possível propor uma possível justificativa para a postura cética desses entrevistados. Uma exceção parcial a esse raciocínio é P2, pois, em relação ao uso tradicional, esse/a entrevistado(a) faz uso rotineiro de plantas medicinais, mesmo não tendo tido contato cultural durante sua formação. As falas a seguir ilustram esse pensamento.

B1 a) Entrevistados que tinham o contexto histórico/ cultural do Uso Tradicional e Místico de plantas

P1 (2018) afirmou que: “Agora eu tenho conhecimento de planta também por causa de meu pai, ele era bastante conhecedor dessas coisas. Ele nos ensinava quando éramos meninos alguma coisa porque ele tinha bastante conhecimento”. Ainda acrescentou:

E com isso ele conheceu muito de homeopatia e, como ele era de roça, ele conheceu muito das ervas que funcionavam. Que funcionaram com os pais deles com os tios, e na roça sempre se usa, então ele passava para gente o uso de certas ervas, nem todas eu lembro, mas ele usava muito. Em casa sempre tinha hortelã, erva cidreira, o capim limão que lá no sul de Minas eles chamam de vira-homem. (...) Quando eu era menino, as vezes, comia muita porcaria, dava umas dores de cabeça por conta da má digestão e meu pai dava para a gente. Comia aquelas frutas diferente do interior e aí dava aquelas dores de cabeça e ele dava para a gente e funcionava (P1, 2018).

Já P5 (2018) disse: “A acho que a maioria usava. Pessoal usa muito mesmo. Naquela época, tudo era chá, nas roças e nas fazendas. Chás disso e chá daquilo, o povo tomava só chá, não se tomava remédio”.

Por meio das falas, nota-se que o Uso Tradicional de plantas está presente na história familiar e na cultura de P1 e P5. Em conversa não gravada, P5 afirma que seu pai era umbandista, religião na qual as plantas são muito utilizadas de forma mística. Algo parecido foi evidenciado na entrevista de P1, que afirma ter tido contato com benzedeiros(as) durante a infância e adolescência. As benzedeiros fazem parte do grupo de especialistas em práticas de auto cura presentes na sociedade e as plantas exercem papel fundamental nesse contexto, sendo empregadas tanto pelo Uso Tradicional quanto Místico (SILVA *et al.*, 2018).

B1 b) Entrevistados que não tinham o contexto histórico/ cultural do Uso Tradicional e nem o Uso Místico de plantas

Eu estava pensando o, porque, que eu não uso. Não sou muito adepta mesmo sendo farmacêutica. Eu sou de origem estrangeira, meus avós de origem materna são libaneses e paternos de alemão e italiano. Então é uma cultura diferente. Meus pais não usavam, não detinham esse conhecimento que as pessoas do interior têm. Era diferente porque não foi passado para eles isso. Eu não tenho o hábito de tomar chá, mesmo chá mate eu não tenho (P4, 2018).

Por meio dessa fala, percebe-se que o Uso Tradicional de plantas não está presente na história familiar e na cultura de P4.

O entrevistado P2 configurou uma exceção à regra, pois mesmo o Uso Tradicional de plantas estando praticamente ausente na história familiar, P2, foi o (a) participante que demonstrou ter mais conhecimento e fazer uso de plantas medicinais. O (a) participante afirmou que seu interesse pelas plantas foi devido a busca de terapias menos agressivas e que buscou na leitura o entendimento sobre o uso racional das plantas:

São os livros mesmo. Porque tradição minha mãe já é de uma geração que começou a desacreditar das plantas, né!? Minha mãe tem setenta e sete anos, mas era professora e já vivia na cidade e tudo. Então já começou a perder essa tradição que era da avó dela, né!? (P2, 2018).

B1 c) Entrevistados que tinham o contexto histórico/ cultural do uso tradicional, mas não tinham o costume do Uso Místico de plantas

P3 (2018) explicou: “Quando eu era pequena eu vi, mas não sei ao certo, a gente tomava planta do quintal mesmo, tomava chá de boldo, para mal-estar, digestão e quando passava mal. Não comprávamos remédio, pegávamos no quintal. Eu acho que era isso o uso popular”. Já P6 (2018) disse que:

Foi a partir da família, minha mãe usava bastante, as avós. Primeiro, buscávamos plantas, depois, buscávamos médicos, esse era o caminho sempre. (...) Até mesmo pela dificuldade de buscar o socorro médico (devido à época) e também pela cultura da região.

Por fim, P7 (2018) contou:

Mas quando eu fui entender de planta, minha mãe colocava aquilo dentro da panela, fervia e dava para gente. E fazia efeito. (...) Fora o tratamento da homeopatia, eu fui criada com planta. Tinha uma gripe, chá de guaco. Tinha um mal-estar de estômago ou intestino, era chá de boldo, chá de louro, tinha um problema menstrual uma cólica menstrual, ou um problema de útero ou ovário, qualquer problema na área genital, era chá de rosa branca. E outros chás.

Por meio das falas, fica evidente que o Uso Tradicional de plantas está presente na história familiar e na cultura de P3, P6 e P7, entretanto, o Uso Místico não está.

B2 – Porque as pessoas utilizam plantas medicinais?

Os motivos citados pelos(as) entrevistados(as) estão alinhados aos estudos de Maciel e colaboradores (2009) e de Sales, Sartor e Gentilli (2015). Dentre eles, os principais foram a localidade e o contexto desses lugares, isto é, alegaram que no passado, cerca de 50 a 70 anos, as localizações rurais ficavam muito distantes das cidades e que, além de haver poucos profissionais de saúde nesses lugares, era muito demorado buscar ajuda devido aos meios de locomoção da época. A escassez de profissionais do ramo, segundo os entrevistados, contribui, inclusive, para a maior utilização mística de plantas, devido à presença e influência das crenças pessoais e do misticismo em torno do conhecimento e dos tratamentos com plantas medicinais, visto que, nestes locais, tinha-se pouco acesso ao saber científico.

Uma entrevistada afirmou que atualmente, nas cidades, muitas pessoas só buscam tratamentos alternativos apenas quando já tentaram de tudo por meio de tratamentos convencionais, como a alopatia. Outro motivo indicado foi o pensamento racional exacerbado presente na cultura ocidental, levando as pessoas a priorizarem tratamentos que tenham comprovação científica. Diversos estudos, como os de Nascibem e Viveiro (2015), Bratman (1998); Simões, Schenkel e Simon (2001) e de Silveira e colaboradores (2016), também sustentam essa linha de pensamento. Outros motivos que também foram muito citados nas entrevistas e que são recorrentes no estudo de Sales, Sartor e Gentilli (2015) foram: a questão cultural, o histórico familiar de uso, a tradição e a variável empírica. Esse último corresponde

à influência que ocorre quando as pessoas vêm aquele uso dando certo para outras pessoas e acabam tentando também. As falas a seguir ilustram os motivos expostos:

Ah é! Era o único recurso que eles tinham. Ah roça, antigamente, era muito difícil. Você, para chegar numa cidade, era duas ou três léguas à cavalo. Com temporal, com chuva, é difícil, não era fácil de chegar como é hoje não, era difícil a comunicação. Por isso, eles tinham que apelar para aqueles que eles chamavam de curandeiro, o raizeiro que era muito comum, e aí usavam diversas raízes e diversas plantas. Eu tenho um, que meu pai passava, e tenho aí há mais de oitenta anos que é o cipó cravo. (...) antigamente tinha o que: uns dois ou três médicos, uns quatro farmacêutico sendo que um ou dois que formava, os outros eram práticos. E dentista também uns dois ou três dentistas que sabia extrair, não tinha mais recurso. Também utilizava parteira, curandeiro e benzeção (P1, 2018).

Por que, assim, geralmente as pessoas vão buscar a medicina alternativa quando elas já fizeram tudo na alopatia e não conseguem uma cura, e outra, aí o organismo já está tão debilitado com inúmeras tentativas dos médicos, né!? Toma isso, toma aquilo, toma aquilo outro. Você começa com uma dor de garganta, daí uma dor de estômago e quem sabe uma pneumonia. (...) É uma questão cultural, e eles veem que as coisas funcionam. Também tem isso: uma coisa empírica, através da experiência, eles veem que isso funciona. Os remédios são muito caros, o acesso à medicina convencional talvez não seja tão rápido quanto lá, você precisa agendar no SUS, nos postos. (...) Assim, algumas vão porque já tentaram de tudo e é o último recurso delas, mas outras já vão porque é uma tradição delas se tratar com plantas. Faz parte da cultura delas (P2, 2018).

É porque acredita e tem fé naquilo, se uma pessoa melhorou vamos tentar, né? É um modo melhor, inclusive, do custo também, né!? E uma coisa mais certa, né? Acredito que não tem anti-inflamatório essas coisas, porque isso pode prejudicar outros órgãos e, as vezes, se utilizando uma coisa mais natural, evita-se certas doenças, porque tem gente que não pode tomar um anti-inflamatório, porque passa mal de estômago, tem isso também, né? (P3, 2018).

Uma forma de compreender quando o(a) entrevistado(a) falou ‘anti-inflamatório’ é que ele/a estava se referindo aos efeitos colaterais dos anti-inflamatórios usados na alopatia, pois, considerando a entrevista como um todo, não é provável que o(a) mesmo(a) quis dizer que uma planta não pode ter ação anti-inflamatória, visto que P3 demonstrou ter conhecimentos básicos necessários. Nesse sentido, acredita-se que o(a) entrevistado(a) quis dizer que, em alguns casos, a terapêutica natural pode ser menos agressiva.

Primeiro que é uma formação que já vem familiar, pois a mãe usava, a vó usava, que já vem e vai passando de um para o outro. E, segundo, que a medicação é muito cara e as pessoas têm na cabeça que remédio faz muito mal, então que é preferível uma coisa que é natural do que a medicação alopática, de indústria (P4, 2018).

Porque elas já tentaram de várias maneiras e não conseguiram e essa foi a que eu consegui, né? Pelo menos, todas as pessoas que eu ensinei falaram: nossa! Aí choveu de pessoa, um passou para o outro e para outro, fui plantando e dando os vasilhos e levavam para eles (P5, 2018).

Naquela época, as pessoas já tinham em sua horta algumas plantas que não deixavam de ter e, mesmo as que tinham nativas na redondeza, a gente já começa a identificar algumas delas com naturalidade. Não é que alguém parava para ensinar não, era natural. (...) Eu acredito que seja por essa influência cultural mesmo. Mesmo os que estão nas zonas urbanas tem essa influência da zona rural que vem. É uma cultura popular mesmo e acaba influenciando. Ou as pessoas acreditam e aceitam, ou podem rejeitar a questão das plantas pelos mesmos motivos culturais (P6, 2018).

E, por fim, a fala de P7 (2018):

Porque no nosso antepassado nós não tínhamos nada disso do que temos nós hoje, e os nossos antepassados recorriam aos seus tratamentos através do que? Das plantas. A cura do corpo se dava das plantas. A medicina se dava através das plantas.

B3 – O que você pensa sobre o uso popular?

O uso das plantas foi visto como de grande importância e o conhecimento popular como responsável por trazer diversos benefícios à saúde, como também afirmam Sales, Sartor e Gentili (2015) em seu estudo etnobotânico. Com exceção de P4, todos cultivam alguma planta com efeito medicinal e passam adiante esse uso. Foi visto como uma alternativa eficaz ao uso de medicamentos alopáticos.

P1 (2018) disse: “Eu creio que os resultados são ótimos. São muito bons. E aprovo todos, não posso comprovar, mas aprovo”. P2 (2018) também contou que tem várias plantas em sua casa e acrescentou:

Ah meu irmão falava: nunca pensei que minha irmã ia ser uma raizeira. E tudo tem uma finalidade na saúde da gente, mas, infelizmente, eu não sei tudo, né!? Eu tenho muito daqueles livros, plantas medicinais, plantas tóxicas. Tem minha horta ali, mas eu preciso dar uma capinada, tem alface. (...) eu sempre gostei desse negócio de planta, a volta do homem à natureza. A conscientização que nós somos parte da natureza, que sem ela a gente não vive. (...) Então, assim, a tradição oral ela é muito válida, que é passada de pai para filho, na comunidade, aqui mesmo acho que em Matias que tem um hospital antroposófico, não sei se você já ficou sabendo disso, as pessoas da comunidade mesmo é que fazem os remédios para esse hospital antroposófico e tem pessoal que trabalha com bio-digital também (P2, 2018).

P3 (2018) pontuou: “Mas o pessoal que mora em roça usa é isso e melhoram. Lá eles têm mais conhecimento que a gente que mora na cidade. Aí alguém fala para gente, experimenta e vê se dá certo”. P4 (2018) respondeu que “sim, porque a planta tem princípio ativo, desde que você saiba qual a planta certa, para o uso certo e para que ela serve. Aí sim, desde que a pessoa tenha o conhecimento”. Para P5 (2018), “era tudo feito em chás, tem muita planta, muita coisa

boa para tratamento. De onde vem a química? Vem das plantas. As plantas curam, tenho certeza que elas curam”. Nas palavras de P6 (2018):

Algumas dessas plantas, hoje, a gente vê comentários sobre elas e que fazem sentido, a gente não sabe como que aquelas pessoas lá atrás tiravam esse entendimento, e ainda hoje tem algumas que ainda continuam sendo utilizadas. (...) Eu sei porque são plantas que eu tenho em casa e que são naturais, então as pessoas pedem muito. (...) Eu não abro mão dos meus chazinhos, sendo esses para causa necessária. Porque não tomo chá se não houver necessidade.

Já P7 (2018) confessa um desejo seu: “...uma realização minha: ver cada vez mais as pessoas usando as coisas mais naturais do que as desenvolvidas quimicamente em laboratório”.

5.1.3 Bloco C – O uso popular de plantas

C1 – Quais os Riscos?

Todos os participantes acreditam que o uso de plantas não está livre de riscos. As principais causas de efeitos indesejáveis apontadas por eles foram o abuso em relação ao tempo e a quantidade de uso. Outra causa foi a falta de conhecimento que leva às pessoas a utilizarem as plantas erradas, de forma equivocada ou as partes erradas das plantas. As informações coletadas nas entrevistas são recorrentes nos estudos que relacionam os riscos envolvidos no uso de tradicional de plantas, como o de França e colaboradores (2008) e de Bochner e colaboradores (2012).

Também em consonância com esses estudos, foi relatado nas entrevistas que um dos fatores de risco é que algumas pessoas radicalizam e abandonam os tratamentos convencionais. Assim, ao utilizarem apenas tratamentos alternativos para tratar doenças graves, acabam gerando mais danos à saúde. Nessa perspectiva, a automedicação também foi apontada como um risco, já que algumas plantas de fato podem gerar malefícios à idosos, crianças, bebês e gestantes, bem como interagir com outras medicações que as pessoas possam estar eventualmente utilizando (FRANÇA *et al.*, 2008).

P1 (2018) alerta que: “Desde que não seja em exagero. Por exemplo uma dose, uma xícara eu nunca ouvir dizer que alguém passou mal. Mas agora o uso excessivo de tudo faz mal, ne!?”. Para P5 (2018), “(...) não precisa tomar aquele excesso, se achar que não melhorou toma mais um pouquinho e parar, vai melhorar”. P2 (2018) segue o mesmo raciocínio:

Ah tem. Lógico que tem. Sempre assim, né!? Entre o uso e o abuso, é bom uso, né!? (...) Eu acho que sim, mas a gente usa mais para desintoxicar. E, às vezes, a pessoa exagera porque ela acha que é igual a alopatia, quanto mais eu tomar, melhor vai ser pra mim, então a pessoa começa com efeito rebote.

E complementa:

Ah tem até aqui, óh. Aquela apostila da Maristela Lazarel, nunca usar cipó mil homens em caso de doença cardíaca. Então tem essas contraindicações também. (...) Então você não pode usar indiscriminadamente as plantas, é remédio. Tem que ter respeito pelas coisas. Mas tem sim e não pode interagir uma com a outra sem a prévia consulta. (...) Porque nunca a gente fala para pessoa parar de usar o remédio que ela está usando, o médico é que tem que fazer isso. (...) aí a gente fala: volta no seu médico e fala com ele e fala o que você está usando. A gente sempre fala para a pessoa falar as plantas que está utilizando, porque as interações medicamentosas é muito grave. Pode ter alguma coisa que interfira no princípio ativo daquele remédio químico que ela está usando. Então as folhas de chá também, para que não haja esse choque. As coisas têm que se complementar e não antagonista, né!?” (P2, 2018).

P3 (2018) também adverte: “Aí tem que saber também. A questão do tempo, tem algumas plantas que não dê certo para ficar muito tempo, é igual remédio, tem um prazo também. (...) E tem gente também que não acerta com a planta”.

As falas de P4 (2018), P6 (2018) e P7 (2018) apontam para um mesmo caminho:

Há muitas coisas parecidas, então se você pega uma planta que não é aquela que você está achando que é, geralmente um leigo, ao invés de causar o bem pode causar o mal. Então, eu não sou a favor desse uso, em praticas, por exemplo, que a gente vê vendendo e as pessoas compram de boa-fé. Muitas vezes elas não sabem se a planta que ela está comprando é aquela que ela pensa que é, e vão acreditar no que o vendedor está falando. E porque elas não têm conhecimento, aí eu sou contra (P4, 2018).

Eu acho que tanto planta quanto alimento em excesso com certeza, nada pode ser em excesso, seja o alimento, o remédio alopatóico e a planta também. Onde está plantada, a forma como ela é cultivada ela pode trazer alguns prejuízos se não tiver cuidado. (...) tem que ter atenção quanto à procedência e à forma, e também não acho que a planta resolve tudo, tem algumas situações em que a pessoa tem um diagnóstico claro, ela tem que usar um recurso que seja mais efetivo. (...) Como manutenção da saúde tudo bem, mas para substituir, em determinadas situações, tem que se analisar e pensar. Deve-se ser orientado por alguém que já fez estudos mais profundos para trazer mais confiança. E também buscar conhecer, porque alguém que não conhece a planta, alguém pode te oferecer uma planta que não é aquela que tem os recursos que você espera (P6, 2018).

Eu entendo que a planta você não deva usar, aquela planta que foi boa, aí que vem o misticismo, não é porque você usa que eu vou usar. Não é porque você usa que eu devo usar. Nem sempre o que é bom para você é bom pra mim. Então a planta, ela usada por pessoas, ou seja, por médicos, por farmacêuticos, por biólogos que estudam de fato a que ponto aquela planta pode ser boa pra gente, é a forma mais correta. É a forma... Buscar do conhecimento que aquele outro tem para nos ajudar (P7, 2018).

C2 – Como você acredita que essa planta age?

A pesquisa de plantas medicinais é uma ciência multidisciplinar e envolve o uso popular. Nesse sentido, não menos importante é o isolamento, purificação e identificação dos constituintes químicos, bem como os estudos de farmacológicos de síntese, mecanismos de ação e de formulações (MACIEL *et al.*, 2002). Esse pensamento está de acordo com as falas dos(as) entrevistados(as), que afirmam que o uso de plantas é efetivo devido às propriedades químicas e farmacológicas que seus constituintes e/ou princípios ativos possuem. Para eles, a questão da ação terapêutica se dá pelo Uso Tradicional e não por propriedades místicas/sobrenaturais.

Dentre todas as entrevistas, foram identificadas três plantas que, para os participantes entrevistados, tiveram indicações místicas. Foram três relatos, dois do P1 e um do P5, entretanto, o relato deste último foi referente ao mesmo acontecimento de um dos relatos de P1, ao passo que vivenciaram juntos a experiência. Assim, cada um foi entrevistado em seguida do outro e de forma individual. Os relatos foram expostos no item 5.3.

Respondendo à pergunta, P1 (2018) disse: “...eu considero o uso natural como qualquer outra droga. Para P2, a pergunta não foi feita diretamente para que a entrevista não se tornasse redundante. Pode se inferir que o(a) entrevistado(a) acredita que as plantas agem pelo seu princípio ativo, visto o vasto currículo do participante, que possui muitos cursos em saúde alternativa. Também, em algumas falas, como, por exemplo, em C1, é possível entender que, para ele/a, o mecanismo de ação se dá pelas propriedades químicas dos constituintes. Outro momento, em A2, ele/a afirma que o uso de planta se dá efetivamente através da cura do físico e não de outra forma. Mesmo assim, não deixa de afirmar que, para aquelas pessoas que acreditam, a fé, pode trazer, sim, alguns benefícios.

P3 (2018) explicou que ele/a “constatava vendo o uso”. Já P4 (2014) afirma que é “através do princípio ativo. Ela tem ação medicamentosa dela, eu reconheço isso, só acho que a pessoa antes de usar deve conhecer”.

P5 (2018) pontua que “ela age dessa maneira: você pega essas folhinhas, ferve põe no copo e põe lá e deixa, esfriou começa a tomar”. Essa fala pode ser complementada pelo exposto em C2, visto que ele/a julga a investigação química das plantas, por bioquímicos, como importante e necessária, desta forma, leva-se a crer que P5 acredita que as plantas agem pelos seus efeitos químicos e não por uma força sobrenatural.

P6 (2018) acredita que “as pessoas vão passando uns para os outros essas plantas e efeitos e a gente acaba acreditando e assimilando. (...) Somam ao metabolismo e auxiliando o metabolismo”. E, por fim, P7 (2018) responde que:

Se alguém faz estudos sobre essa planta, ele vai encontrar imensas formas de usar essa planta, de ingerir essa planta. (...) Nunca teve uma pneumonia. De onde vem? Dos antepassados deles, ele morou na roça, fazia usos, assim, desses medicamentos para poder curar.

C3 – Qual a Importância de Estudos que Investiguem o Uso Popular de Plantas?

Com a retomada crescente do uso de plantas nas últimas décadas, principalmente na atenção primária, a segurança dos pacientes em uso de espécies vegetais tomou grande importância no tocante à saúde pública. Nesse sentido, os estudos nessa área são essenciais, pois geram informações confiáveis e, assim, um impacto positivo ao diminuir a incidência de intoxicações graves (NICOLETTI *et al.*, 2015). Da mesma forma, os(as) entrevistados(as) afirmam que o registro do uso popular de plantas e a investigação geram resultados com informações confiáveis e seguras sobre sua utilização. Assim, por meio dessas informações, as pessoas podem utilizar as plantas de forma racional.

P1 (2018) afirmou que: “É, o tempo esquece. Eu mesmo tenho muitos que meu pai utilizava e eu não lembro mais. (...) É assim mesmo, publicações e informar. Mas hoje já temos muitos médicos que usam”. P2 (2018) também acredita que o interesse na área aumentou:

Há muitas pessoas interessadas nisso, até meu professor da antroposofia, ele morou uma época com os índios, e ele vai entrevistar esses raizeiros aqui da redondeza todos. (...) E eu acho assim que por muito tempo o saber popular ele foi desmerecido, né!? A pessoa achava que era um saber menor, porque a pessoa utilizava aquilo pela tradição e não pelo saber científico, né!?

P3 (2018) explicou: “Eu não sei muito bem sobre isso, principalmente esse negócio de místico”, enquanto P4 (2018) disse que a divulgação ocorre “através de todos os estudantes que vão se graduando nessa área fazendo algum projeto”.

Nas palavras de P5 (2018),

Deve ser, eu acredito que sim, precisa ser estudado sim, porque funciona, as pessoas curam. Esses bioquímicos podem fazer a experiência, fazer de outra maneira, né!? Quem sabe. (...) Ah, não sei, deve ser passado de umas para as outras. Comigo foi o seguinte: eu fiquei boa e várias pessoas me procuraram.

P6 (2018) também acha que esses estudos são relevantes:

Acho importante sim, até porque a partir daí pode surgir um estudo de alguma planta que pode ter um princípio ativo que pode ser muito útil para determinada situação. Então, é importante sim, porque, as vezes, vem de um costume popular, mas a gente não sabe onde começou, então a gente não sabe se tem um fundamento aquele princípio. (...) Com muita informação. Tem uma dosagem. Como deve tomar (...) Quantas gotas, se é gotas, quantas gotas, não é para virar o vidro inteiro só porque é planta. Essa informação é importante, assim como, para os medicamentos, as informações que vêm lá na bula, né? Então para as plantas também.

Na mesma linha de raciocínio, P7 (2018) afirma:

Então eu entendo assim, igual eu falei com você: a planta ela é boa, mas ela também pode ser ruim, então nós temos que ter mais estudiosos sobre ela, ter mais receituários, mas conscientes... mas conscientes. Porque essa coisa de passar de pai pra filho de, de filho... Isso também não dá muito certo.

5.1.4 Considerações finais sobre as entrevistas

A análise qualitativa das entrevistas permitiu observar que os entrevistados deste estudo de caso avaliam sobre os riscos e benefícios do uso de plantas medicinais. Baseiam-se na leitura de livros, na observação empírica, no conhecimento adquirido ao longo do tempo e nos produtos de investigação científica. Este estudo trata da valorização da cultura e do registro dessas práticas terapêuticas tão presentes na população brasileira, conforme proposto por Lima e colaboradores (2016): para os entrevistados, a planta – ou parte dela (galhos, folhas, raízes ou ramos) –, por meio de sua ação medicinal, proporciona a cura e o cuidado de crianças, adultos, idosos e animais. Para todos os entrevistados, a propriedade curativa, nesse processo, está no vegetal ou nos seus elementos fitoquímicos.

Um questionamento interessante emerge junto aos relatos: Relatos como esses, com indícios fortes de que o uso terapêutico dessa planta pode ter sido efetivo, entretanto, com caracteres que passam longe do pensamento cartesiano, devem ser desacreditados?

O uso das plantas ganha significado distinto com o Uso Místico, no qual foi observado que há a necessidade de identificação com a prática para o estabelecimento do uso e, a partir daí o estabelecimento da cura. As plantas que estavam na memória dos entrevistados, relacionadas a seguir, não são apenas medicamentos, mas carregam consigo as histórias, o manejo, a cultura e os cuidados, muito presentes na medicina popular. Nesse sentido, o efeito da fé nos tratamentos, ainda pouco entendido pela ciência, foi considerado elemento essencial.

5.2 As plantas citadas pelos entrevistados

Outro resultado das entrevistas foi a coleta de dados sobre plantas conhecidas e usadas como recurso terapêutico pelos participantes. As informações obtidas sobre essas plantas foram consolidadas no Quadro 1, assim como foram referidas pelos participantes. Este contém dados tais como: identificação das plantas conhecidas por cada entrevistado(a), seu nome popular e científico citados pelos próprios entrevistados, as partes utilizadas, a forma como foram administradas, dose/medida, quantidade, finalidade e se o uso pode ser considerado místico ou tradicional.

Quadro 1 - Informações dadas pelos entrevistados sobre as plantas que conhecem de Uso Tradicional e/ou Místico segundo a) Nome popular; b) Tipo de Uso Tradicional (t) ou Místico (M) c) Finalidade; d) Parte utilizada e) Modo de Preparo/ Forma de Uso

Entrevistado	Nome popular	Uso Tradicional (T) ou Místico (M)	Finalidade	Partes utilizadas	Modo de Preparo/ Forma de Uso
P1	Cipreste Cheiroso*	M	Eczema	Folhas	Cocção em panela esmaltada, não ferroadas. Banho às 18h.
	Tanchagem	T	Inflamação de garganta	Folhas e raiz	Cocção, Gargarejo
	Tanchagem	T	Feridas na pele	Folhas	Bater no liquidificador até obter uma pasta. Por sobre as feridas.
	Marmelinho	T	Pedras nos rins.	Folhas	Infusão. Tomar o chá substituindo a água durante o dia.
	Capim Limão	T	Interrompe a menstruação.	Folhas	Infusão. Uso oral.
	Cipó-Cravo	T	Má digestão.	Rasps do Cipó	Raspa o cipó na água quente como se corta fumo. Uso oral.
	Erva cidreira	T	Calmante	Folhas	Infusão. Uso oral.
	Hortelã	T	Vermífugo	Folhas	Uso oral. Em forma de chá ou misturado em alimentos.
	Violeta singela* <i>Viola odorata L.</i> e Maravilha amarela*	M	Labirintite	Folhas de Violeta (4 unidades por xícara) Flores de Maravilha Amarela (9 unidades)	Cocção. Uso oral (4 vezes ao dia) Extrato. Colocar as flores no óleo nujol e deixar por três dias. Pingar no ouvido.

Continua

Entrevistado	Nome popular	Uso Tradicional (T) ou Místico (M)	Finalidade	Partes utilizadas	Modo de Preparo/ Forma de Uso
P2	Alho e Argila	T	Olho de peixe/ sola dos pés.	Colocar o emplasto no pé, enfaixar e colocar meia.	Macerar o alho e misturar na argila. Usa ao dormir
	Passiflora	T	Acalmar e dormir melhor	Folhas de maracujazeiro	Colocar as folhas no álcool cereais e coar. Uso oral.
	Saião	T	Estomago (dor, gastrite, azia e refluxo)	Chá ou suco.	Infusão ou batido em liquidificador. Uso oral
	Aveloz	T	Câncer	Gotas dos ramos. (Apenas 3)	Quebra um ramo e colhe as gotas. Beber misturado na água.
	Capim cidreira	T	Calmante, estomáquico e antipirético	Folhas	Infusão. Uso oral.
	Folha de laranjeira	T	Calmante	Folhas	Infusão. Uso oral.
	Metioláte do Chile	T	Cicatrizante e azia	Seiva da folha	Colocar 3 gotas na água. Uso oral
	Babosa Aloe vera	T	Cicatrizante e anti-inflamatório	Folha	Supositório, suco, escovar os dentes ou usar nos pêlos de animais* (alergia). Quebrar a folha e passar no pêlo
	Boldo	T	Fígado e ressaca	Folha	Infusão, Uso oral
	Aranto	T	Cicatrizante, alergia na pele e couro cabeludo	Folhas	Bate no liquidificador e coa. Suco concentrado de uso tópico.
	Gerânio	T	Insônia	Folhas	Aromático – odor hipnótico. Fazer um travesseiro.
	Abóbora	T	Vermífugo	Sementes	Assada ou crua. Uso oral.
	Manga	T	Vermífugo natural para animais	Amêndoa (Parte interna na semente)	Abre a semente e tritura a amêndoa. Mistura na comida.
	Alecrim	T	Anti-gases	Ramos	Infusão. Uso oral.
	Onze horas ou Meio dia	T	Anemia	-	-
Quebra Pedras	T	Rins	Folhas	Infusão. Uso oral.	

Continua

Entrevistado	Nome popular	Uso Tradicional (T) ou Místico (M)	Finalidade	Partes utilizadas	Modo de Preparo/ Forma de Uso
P3	Marmelinho	T	Pedras nos rins	Folhas	Infusão. Uso oral.
	Açúcar e Confrei	T	Escaras	Folhas	Lavar em água filtrada. Triturar com açúcar até obter uma pasta. Curativo para feridas.
	Cipreste	T	Eczema	Folhas	Cozer e coar. Banhar Uso tópico.
	Tanchagem	T	Eczema	Folhas	Cocção. Banhar Uso tópico.
	Violeta do mato <i>Viola odorata L.</i>	T	Labirintite	Folhas com pecíolo.	Cocção. Uso oral.
	Hortelã, Melissa e Erva Cidreira	T	Calmante	Folhas	Infusão. Uso oral.
P4	Romã	T	Infecção de garganta	Casca	Infusão por 3 min. Gargarejo
	Romã	T	Tosse	Semente	Deixa na boca o máximo que conseguir.
	Picão	T	Hepatite (Icterícia)	Partes aéreas.	Cocção. Banho. Uso tópico.
	Hibisco	T	Emagrecer	Flor	Infusão. Uso oral.
P5	Violeta singela* <i>Viola odorata L.</i>	M	Labirintite	Folhas com pecíolos. (5 unidades por xícara)	Cocção. Uso oral. (4 vezes ao dia)
	Macaé, Mané n'água	T	Intestino/ Diarréia	Folhas	Cocção. Uso oral.
	Assa peixe	T	Tosse	Folhas	Cocção. Uso oral.
	Bananeira	T	Queimaduras	Folhas	Uso tópico. Colocar sobre as feridas.

Conclusão

Entrevistado	Nome popular	Uso Tradicional (T) ou Místico (M)	Finalidade	Partes utilizadas	Modo de Preparo/ Forma de Uso
P6	Guaco	T	Tosse e gripe	Folhas	Infusão ou xarope.Uso oral.
	Alecrim, manjerição e salsa	T	Digestão	Folhas	Infusão.Uso oral.
	Capim cidreira	T	Calmanete	Folhas	Infusão ou suco.Uso oral.
	Hortelã	T	Calmanete	Folhas	Infusão.Uso oral.
	Saião	T	Problemas de estomago e refluxo	Folhas	Mastigar ou bater em liquidificador com água ou leite.Uso oral.
	Goiabeira	T	Viroses com diarreia	Folhas	Cocção.Uso oral.(1xicara, 4 vezes ao dia)
	Folha de algodão, cana de macaco e marmelinho	T	Cálculos renais ou infecção renal	Folhas	Cocção.Uso oral.(Tomar substituindo a água)
	Salsa	T	Retenção de líquidos	Folhas Chá	Infusão.Uso oral.
	Picão	T	Icterícia	Partes aéreas.	Cocção.Banho.Uso tópico.
	Tanchagem	T	Inflamação de garganta	Folhas	Infusão.Uso oral.
	Romã	T	Rouquidão e inflamação de garganta	Casca	Cocção.Gargarejo
	Rosa branca	T	-	Ramo de Flores	-
P7	Sálvia	T	Problemas respiratórios	Folhas	Inalação
	Rosa Branca	T	Cólica menstrual, problema de útero ou ovário, problemas da área genital.	Flores	Infusão.Uso oral.
	Louro	T	Estomago ou intestino	Folhas	Infusão.Uso oral.
	Funcho	T	-	-	-
	Guaco	T	Gripe e problemas respiratórios	Folhas	Infusão ou xarope.Uso oral.
	Salsa	T	Relaxante, facilita a flatulência, digestão e é diurético.	Folhas	Infusão.Uso oral.
Arruda	T	Alergias de pele	Folhas	Cocção.Banho.Uso tópico.	

*Plantas referenciadas como de indicação mística por indicação mediúnica

5.3 A escolha da planta

Conforme estabelecido nos objetivos e metodologia, depois da análise das entrevistas, foram estudadas as informações de uma planta específica apontada por especialistas como de uso/indicação mística e eficácia terapêutica. Em seguida, foram levantadas as suas possíveis ações, partes utilizadas e sua forma de uso, bem como realizou-se a sua caracterização botânica e elencou-se suas ações terapêuticas comprovadas cientificamente. Foi feita, também, uma abordagem sobre os benefícios/riscos do Uso Místico da planta segundo a literatura e à luz de conhecimentos fitoquímicos.

Caropreso (2009) faz uma reflexão sobre a metapsicologia freudiana, concluindo que Sigmund Freud instaura um divisor de águas dentro da psicologia ao teorizar sobre a psique inconsciente. Nesse sentido, foi considerada a possível ação do inconsciente nos relatos e desconsiderou-se como de utilização mística aquelas plantas citadas pelos entrevistados que já tinham registro nas bases científicas do uso da mesma planta para a mesma finalidade.

A seguir, estão dispostos os relatos *ipsis litteris*, os quais continham elementos considerados místicos, assim classificados por conta das indicações terapêuticas terem sido adquiridas por via mediúnica, de acordo os entrevistados.

(1) Um deles foi o Ciprestes cheiroso. Eu tenho um filho que tinha Eczema e eu tentei tudo, a chegar ao ponto de um médico amigo, Dr. Paulo Toledo, pedir amostras grátis nos laboratórios para me ajudar, porque, as despesas eram muito grandes. Encontrei com uma pessoa que me indicou a procurar um centro espírita da Dona Inácia, dona do centro. Dona Inácia e Dona Laura, as duas mantinham o centro, e lá o Guia dela, que eu não lembro o nome e que lá ninguém sabia também, me ensinou a dar banho de cipreste cheiroso nele às seis horas da tarde. Esse cipreste tinha que ser cozido em panela de esmalte, não é ferroadada, e dar um banho assim que estivesse em condições de esfriar, para não ferir e dar o banho. Eu tive uma experiência muito forte com ele. Nós, eu e minha senhora, demos o banho nele da forma como foi mandado, inclusive em panela não ferroadada às seis horas. Nisso, ele dormiu, coisa que ele não costumava fazer, porque a coceira não deixava. Ele dormiu por volta de seis horas da tarde e, quando chegou por volta das oito horas e nove horas da noite, nós estávamos preocupados (porque ele não costumava dormir). Nós pedimos o médico que era o pediatra que nos atendia para ele dar uma olhada para ver o que era. Aí ele foi lá em casa e examinou o garoto e disse: “Apenas estava dormindo, não estava sentindo nada e estava dormindo”. Ele dormiu até no outro dia às nove horas da manhã. Dalí para a frente, a pele foi ressecando e saindo uns cascões que davam, aquelas peles caindo, trocando de pele, ficou perfeito. Nunca mais teve nada.

(...)

(2) Só cultivo violeta. A minha senhora curou com ela, a violeta singela, curou com ela a labirintite. Essa também foi uma receita de origem mística. Ela sentia tonteiras e tentou com vários médicos e não conseguia nada. Até que ela teve uma intuição de procurar um centro espírita. O médium principal era o Dr Altamiro Rossine, ele era dentista e recebia um guia que chamava Cascavel, que eles chamam na umbanda de o Guia de cabeça. E aí a (falou o nome de P2) procurou ele e ele mandou tomar essa violeta singela e colocar maravilha amarela, que também é uma plantinha, e aí era

colocado nove florezinhas no óleo nujol e pingava no ouvido. Ela parou a tonteira e nunca mais teve (P1, 2018).

Eu acho ótimo, posso falar ótimo porque eu tenho provas. Eu mesma já fui curada de labirintite, muitas pessoas já foram curadas de labirintite. Aconteceu o seguinte: eu tinha uma tontura que eu não sabia a causa, então eu pedi ajuda espiritual. Fui no senhor, eu esqueci o nome dele, mas aí falei para ele, conversando com ele, e ele falou e me ensinou, o preto velho: “Ô filha toma chá de folha de violeta”. Mas como que é essa violeta? Ela chama Violeta Singela, ela dá uma flor roxinha e pequenininha. Então comecei a tomar e sarei. Tinha tomado vários remédios e não melhorava, aí parti para a planta. Fazia o chá e tomava todos os dias, de umas três folhinhas ou quatro folhinhas, jogava água fervendo e tomava aquilo, pouquinho, uma xícara de chá ou um copo, não precisa mais que isso não. Então fazia aquele chá e tomava durante o dia, quando passou o tempo eu não tinha mais nada. Assim, eu comecei a plantar. Me ensinaram que a folha da violeta curava, assim, plantei as folhas da violeta, muitos vasilhos e comecei a dar para as pessoas. Assim, as pessoas ficavam sabendo e vinham até do Rio de Janeiro, ficaram curadas e foram passando para frente. Comecei a dar as mudas para ajudar as pessoas já que não precisei tomar mais remédio nenhum e nunca mais tive tontura.

Eu sentia tontura, tinha medo de ir na rua, minha cabeça rodava, eu falava assim: “não posso sair na rua, estou tonta”. O que aconteceu comigo é que eu tive um sonho, um sonho, e falou para mim: “vai lá em tal lugar”. Aí ele falou para mim: “ô filha eu vou te receitar isso aqui” e me explicou mais ou menos como que era. Eu achei a planta, né!?

(...)

Melhoravam. Mandei até para Santa Rita do Sapucaí, onde, o (falou o nome de P1) nasceu. Mandei para ajudar os outros. Só sei que é o que me curou foi a Violeta Singela. (...) Labirintite, fez exame e tudo. Mandava fazer aquele exame, tem um exame que faz, né!? Você fecha os olhos, senta... mas hoje eu não tenho mais tontura. Não tive mais, nunca mais e parei de tomar.

(...)

Foi na intuição, faz isso faz aquilo, e comigo foi o espírito que falou, ainda perguntei como, ele disse faz isso e faz aquilo. Foi em sonho que tive intuição. Eu tinha pedido ajuda espiritual (P5, 2018).

Em busca na internet, por meio da plataforma do *Google*, foram encontradas informações em uma página¹ que trata a respeito do candomblé, falando da utilização do cipreste na Medicina Tradicional e Mística, com os seguintes dizeres: “A medicina popular indica banhos desta erva para tratar feridas e o chá para curar úlceras” (D’OSOGIYAN, S/D, s/p). Mesmo que o relato tenha ocorrido há cerca de cinquenta anos atrás, quando inexistia internet, não quer dizer que o conhecimento sobre essa planta não existia. Outro fato que fortalece a possibilidade de o médium ter o conhecimento prévio à manifestação mediunica é que, como a página é relacionada ao candomblé e a indicação no relato tenha sido adquirida em um centro de umbanda, a similaridade entre essas religiões tornam o fluxo de informações entre elas mais fácil.

¹ D’OSOGIYAN, F. As Ervas. In: **Candomblé (online)**, S/D. Disponível em: <<https://ocandomble.com/ervas/>>. Acesso em: 26/08/2018.

Assim restaram as plantas “Maravilha amarela” e a “Violeta Singela”, as quais os relatos mostraram a indicação mística dessas espécies. A escolhida como alvo de estudos foi a “Violeta Singela”, pois teve maior detalhamento de seu uso apontado pelos entrevistados e apresenta um relato da eficácia terapêutica pouco conhecido nas bases de buscas científicas, bem como nas fontes de informações científicas primárias e secundárias do acervo da UFOP.

Nesse sentido, a possibilidade de, inconscientemente, o médium ter utilizado de um conhecimento já existente para fazer a indicação para o tratamento do Eczema contribuiu para a inelegibilidade do relato (1) de P1. Esses dois relatos que apontam o uso da violeta são as perspectivas de dois entrevistados sobre o mesmo ocorrido, pois vivenciaram juntos a experiência. Não foram encontrados dados que relacionassem a *Viola odorata* L. com a labirintite, em livros, plataformas de buscas científicas, ou sites da internet.

5.4 Um pouco de história: a Violeta no mundo antigo

Carmago (2014) traz uma contextualização histórica interessante. As plantas exerceram papel fundamental nos processos saúde/doença nos períodos históricos gregos. A visão mitológica em torno dos processos de cura foi pano de fundo da ciência da época. As doenças e as curas eram advindas de ações divinas e sobrenaturais, pensamento que também era compartilhado pelos sumérios e egípcios.

O período Creto-micênico e Homérico foram inundados pelo universo mágico religioso no tocante ao uso de plantas. Esse uso é evidenciado em diversas obras como, por exemplo, *Iliada* e *Odisséia*, de Homero. Já o período Arcaico é marcado por novos rumos. Com a filosofia grega, o processo de saúde/doença adquire uma roupagem fora das bases mágicas e sobrenaturais. Hipócrates (460 - 377 a.C.) e seus antecessores, Tales de Mileto (VII - VI a.C.) e Anaximene (550 - 480 a.C.), foram alguns dos nomes que idealizaram os novos rumos. Séculos depois de Hipócrates, vieram outros, como: Pedanius Dioscórides (40 – 90 d.C) e Galeno (130 - 210 d.C.), que conferiram ao período Greco-romano maciça contribuição no que diz respeito ao uso de plantas (CARMAGO, 2014).

A *Sweet Violet*, como é chamada no idioma inglês, tem seu uso registrado na literatura, na arte e na medicina. Sua história data de 500 a.C., quando os antigos a utilizavam para o tratamento de dores associadas ao câncer (SIDDIQI *et al.*, 2012). São muitos mistérios e magias que embelezam a história desta singela flor. O misticismo em torno dela vem de tempos antigos, que perpassam pela mitologia clássica.

Na Roma antiga, contava-se a lenda de que os deuses estavam criando as estações do ano e, depois do frio do inverno, com um suspiro, a neve se esvaiu, formou-se a grama, os riachos começaram a correr e o sol se ergueu entre as nuvens. Com tanta beleza, os deuses choraram e suas lágrimas caíram na terra, que fizeram nascer as doces violetas, então chamadas de “Lágrimas dos Deuses (PROYECTO SIERRA DE BAZA, 2018).

Os romanos faziam vinhos com suas flores e as utilizavam para decorar a mesa de bebidas, com o intuito de evitar embriaguez. No dia seguinte, usavam as flores em grinaldas para curar a ressaca (PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008 - 2010).

Outra lenda dizia que as violetas nasciam onde Morfeu dormia, e Vênus as pintava de azul. Certo dia, Vênus estava discutindo com seu filho, Cupido (correspondente ao Deus Eros), sobre sua beleza comparada a de outras garotas. Destemido, ele se declara às oponentes de sua mãe. Vênus, ferida, derrotou suas rivais até que tomaram aparência azul e transformam-se em violetas. A relação com Vênus denotou às plantas caráter afrodisíaco, assim como seu uso em poções do amor (PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008 - 2010). Uma versão mitológica dizia que as violetas nasceram do sangue de Átis e Princesa Atta, que cometeram suicídio porque não podiam laurear o amor entre os dois (MARINI, 2005).

Nos contos folclóricos, como relatado por Ignacio Abella, no livro *A magia das plantas*, a violeta aparece simbolizando o mistério que nos atrai para o mais profundo rincão das florestas, talvez por uma analogia ao seu habitat natural, os bosques e as regiões úmidas e sombreadas pelas copas das árvores. O mesmo autor propõe que as violetas seriam portais para a vida após a morte, visto que a deusa romana Proserpina estava colhendo narcisos e violetas quando foi sequestrada por Plutão (PROYECTO SIERRA DE BAZA, 2018).

Nas histórias envolvendo o cristianismo, a violeta também foi lembrada em vários momentos. Diziam que estas teriam nascido quando o anjo Gabriel avisou à Maria sobre sua missão de trazer à Terra o filho de Deus, por isso, foi chamada de a “modéstia de Maria”. Um conto também afirma que as violetas eram brancas até que Maria viu o suplício de seu filho na cruz, assim, as violetas se tornaram roxas para representar seu luto eterno. São Bernardo a considerava como a flor da humildade, desta forma, as violetas passaram a representar a humildade da virgem. Há relatos, também, de que acreditavam que suas flores eram retas e se inclinaram após a crucificação de Jesus (PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008-2010).

Os antigos usavam a planta para tratar doenças do coração devido à associação com o formato de suas folhas. Também na alquímica, era usada como ingredientes em poções do amor e também para curar a dor do coração. Vários povos contam lendas que dizem que a violeta

possui poderes mágicos e aquele que colher a primeira flor de violeta da primavera atrairá o verdadeiro amor (ALCANTRA, 2014).

Em relação ao aroma, as iononas presentes nas violetas frescas conferem a essa flor um perfume amadeirado suave, além de nuances doces e florais. Os primeiros a isolar essa substância foram Tiemann e Kruger, em 1893, a partir de violetas de Parma (ALCANTRA, 2014). As cores de suas flores variam do violeta ao roxo, azul, amarelo, branco e creme (ALIJA, 2018).

Na Idade Média, durante as festividades no sul da Alemanha, era costume coletar as primeiras florescências da violeta, amarrá-las em um mastro e dançar em volta como boas-vindas à primavera. Persas e gregos a usavam em sua alimentação, para induzir o sono e curar a raiva (PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008-2010). As violetas eram dadas como prêmios em festivais de trovadores franceses, mesmo país que, atualmente, é um dos maiores produtores de violetas para perfumaria e que sedia o *Fête de la Violette*, um festival de violetas que ocorre no mês de fevereiro na cidade de Toulouse (ALIJA, 2018; LILIANA, 2018; PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008-2010). Há, também, relatos do Séc. X de que os ingleses acreditavam que a planta poderia espantar maus espíritos e que suas flores teriam sido usadas pelos Cavaleiros da Tavola, os quais, pela interpretação, tinham previsões do futuro ao analisar a posição e quantidade suas pétalas (MARINI, 2005; PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008-2010).

Considerada a flor de Zeus na mitologia grega, teria ele as criado nos prados, onde costumava ficar. Zeus havia se apaixonado por uma ninfa chamada Io e, para protegê-la do ciúme de sua esposa, Hera, ele a transformou em uma linda novilha branca. Assim, Io, ao comer a grama, chorou e derramou suas lágrimas sobre o solo. Zeus, então, transformou essas lágrimas em violetas doces e perfumadas que lhe serviriam de alimento. Por isso, as violetas eram chamadas de “Iona”. Segundo outra lenda, Ion foi recebido por ninfas aquáticas quando liderou seu povo até à Ática, e estas lhe entregaram violetas como sinal de boas-vindas (PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008-2010).

O nome ἰάνθη (grego) IANTE (latim) é definido, segundo o Dicionário Etimológico da Mitologia Grega, da seguinte forma:

O nome deriva do adjetivo ἰανθος ou ἰάνθινος, “cor de violeta, violáceo”, um composto cujo segundo membro é simplesmente ἄνθος, “flor”, enquanto que o primeiro remonta a ἴον, “violeta”, o qual, graças à glosa γία (#ία): ἄνθη e à métrica épica, confirmaria sua relação com o latim *viola* (vid. Chantraine, *DELG*, s. v. ἴον). O nome significaria, portanto, “a de cor violeta, violácea”, fazendo referência,

provavelmente, à lividez de sua pele, um tópico literário muito recorrente nos relatos e descrições eróticas (ZUFFERLI *et al.*, 2013, p. 26).

O poeta lírico grego Píndaros (522 - 443 a.C.) traz em sua obra que Iamos era filho dos deuses do Olimpo, a ninfa Euadne e Apolo. Sua mãe teria o abandonado na Arkadian, em uma cama de violetas, onde foi alimentado com mel pelas serpentes. Assim, os pastores que o encontraram deram-no o nome de Iamos, pois estava em repouso sobre as violetas (MODZELEVICH, S/D).

Na literatura, a violeta é citada por muitos autores, inclusive em diversas obras de William Shakespeare, como, por exemplo, em parte do Soneto 99:

The forward violet thus did I chide: / Sweet thief, whence didst thou steal thy sweet that smells, / If not from my love's breath? The purple pride / Which on thy soft cheek for complexion dwells / In my love's veins thou hast too grossly dyed (MABILLARD, 2000, s/p).

E, em Hamlet, aparece em três momentos:

Deponha-a sobre a terra; / Que de sua carne bela e imaculada / Brotem as violetas! (Ato V, Cena 1);
 Uma violeta precoce no início da primavera; / suave, mas efêmera, / Perfume e passatempo de um minuto – / Não mais. (Ato I, Cena 3);
 Ofélia - "Eis aqui uma margarida. / Quisera dar-vos algumas violetas, / mas murcharam todas, / quando meu pai morreu. (Ato IV, Cena 5) (A SHAKESPEARE GARDEN, 2018, s/p).

As Violetas eram vistas com frequência como símbolo de fidelidade, muito popular entre trovadores a partir do século XIV. Em Hamlet, quando Ofélia dirige-se a Laertes e Gertrudes, lamentando a morte de seu pai, a cena toma sentido mais amplo, evidenciando a falta de fidelidade na cômte (A SHAKESPEARE GARDEN, 2018).

Napoleão Bonaparte era apaixonado pela *Viola odorata* L., a qual se tornou um símbolo bonapartista. O Imperador se lembrava da floresta da Córsega, onde costumava ir quando criança. Esse amor pela planta também era compartilhado por sua esposa, Joséphine Beauharnais, que usou as doces violetas em seu vestido de casamento e ganhava um buquê em todos aniversários. Quando o Militar foi exilado para ilha de Elba, no verão de 1815, ele prometeu aos seus seguidores que voltaria à França junto às violetas que desabrocham na primavera. Assim, elas se tornaram um código que sinalizava a lealdade dentre aqueles que o seguiam (PROJETO MULTILATERAL COMENIUS, 2008-2010; MARINI, 2005; MODZELEVICH, S/D; TACKE, 2008).

A partir do poema de Johann Wolfgang von Goethe (1749 - 1832), foi criada uma melodia adaptada por Wolfgang Amadeus Mozart (1756 - 1791). A canção, Das Veilchen, tem estilo um pouco dramático e com fundo emocional. Nela, a doce violeta é usada para representar um rapaz apaixonado e com o coração partido (MODZELEVICH, S/D; THE ACCOMPANIMENT COMPANY, 2014).

5.5 Caracterização botânica da *V. odorata* L. e uso na Medicina Tradicional Brasileira

Constituinte da família Violaceae, o gênero *Viola* é representado por mais de 400 integrantes e abriga a espécie *Viola odorata* Linn. Esta planta é nativa da parte sul da Europa, noroeste da África e Oeste da Ásia. É uma planta com histórico de uso popular vasto e antigo. De fácil cultivo, a planta se espalhou pelo norte da Europa e, hoje, há registros de seu uso em diversas partes do globo. Atualmente, os maiores produtores de extratos dessa planta estão localizados no sul da França e no Egito (SAINT-LARY *et al.*, 2014).

Registros na literatura antiga evidenciam seu uso na Medicina Tradicional desde a Idade Média. Nestas referências, encontram-se livros da Medicina Tradicional persa, que datam do século X até a atualidade, e, também, citações do grego Hipócrates (460 - 370 a.C.) e do greco-romano Dioscórides, que viveu entre 50 e 70 d.C. (LORENZI; MATOS, 2002; VIEIRA, 2012).

A planta herbácea perene (Figura 1) mede em torno de 20 cm. Com vários rebentos radiais, suas folhas, lâminas em torno de 7 cm, pecioladas, cordiformes e crenuladas nas extremidades, possuem pecíolo de até 18 cm de altura. Suas flores são delicadas e frágeis, de cheiro doce, suave e agradável. Solitárias, são sustentadas por pedúnculos longos, 5-12 cm. São classificadas como zigomorfas e hermafroditas. Seu cálice possui sépalas, 5-6 mm, subiguais alongadas na base. A corola possui 5 pétalas de 12-18 mm, 2 laterais intermediárias; 2 superiores; uma inferior prolongada que se prende em um esporão oco, a partir do qual se apresentam os apêndices nectaríferos dos dois estames inferiores. Possui ovário globoso e súpero, unilocular, com 3 placentas parentais (LUZ *et al.*, 2002; COIMBRA, 1958; SANSONE *et al.*, 2005). A raiz é constituída de epiderme, córtex e cilindro central e as sementes são relativamente grandes, com tamanho aproximado de 0,3 cm (THIEZERINI; MOSCA, 2011; SANSONE *et al.*, 2005). Um exemplar da espécie *Viola odorata* L. foi depositado no Herbário "Professor José Badini" (OUPR) da Universidade Federal de Ouro Preto, sob número de registro OUPR 30815.

Figura 1 - Violeta Singela - *Viola odorata* L.



Fonte: Lindman (S/D).

5.6 Usos da *V. odorata* L. na Medicina Tradicional

Muito usada desde a antiguidade, atualmente, a planta – *Viola odorata* (Figura 2) se destaca na culinária sofisticada, perfumaria, produção de vinhos especiais a partir de suas flores e em seu emprego na arte caseira de curar (BORGES, 2016). Na Medicina Tradicional, essa planta é, principalmente, utilizada no manejo de doenças respiratórias e do trato superior, como catarros brônquicos, descongestionante, gripe, tosse convulsa, constipação, infecção de garganta, inflamação e infecção dos olhos, xarope das flores usado como expectorante de uso infantil, laxativa e, ainda, topicamente como anti-inflamatórios e em úlceras e erupções cutâneas devido à ação emoliente (LORENZI; MATOS, 2002; COIMBRA, 1958; MITTAL *ET AL.*, 2015; BALBACHAS, 1959).

Lorenzi e Matos (2002) classificam a planta como depurativa, mucilagínosa e refrescante, podendo ser usada no tratamento de bronquite crônica, asma brônquica, traqueíte catarral, antisséptica, bem como anticancerígena, antiespasmódica, anti-inflamatória de uso oral, diurética, sudorífera e também para tratar insônia, histeria e enxaqueca. Também usada no tratamento de eczema e psoríase, devido à ação tópica e oral combinadas. A decocção de erva

fresca é utilizada como detoxicante sanguíneo (RAO; HASAN; BHELLUM; MANHAS, 2015). Messias e colaboradores (2015), em pesquisa etnobotânica, registraram o uso popular da planta no município de Ouro Preto, Minas Gerais. As propriedades citadas foram as ações antitérmica, antigripal e antiasmática.

Há muitos relatos de estudos dessa planta por estudiosos persas. Assim, Feyzabadi e colaboradores (2017) revisaram estes usos. Nesse sentido, além dos usos populares citados anteriormente, foram identificadas outras propriedades, como: ações no Sistema Nervoso Central (SNC) e complicações relacionadas, epilepsia, dor de cabeça, úlceras nasais e convulsão febril em crianças. Ainda, o cataplasma de pétalas pulverizadas de flor violeta pode ser usado no controle do ressecamento e inflamação da pele, doenças do estômago e do fígado, inchaço e físsura anal.

Figura 2 - Violeta Singela – *Viola odorata* L.



Fonte: Arquivo pessoal.

Também é mencionado por Feyzabadi e colaboradores (2017) o uso da planta para o tratamento de palpitações, taquicardia, dispneia, rouquidão, pneumonia, pleurisia, doenças pulmonares e gestão de prolapso retal em pediatria. Em relação aos efeitos gastrointestinais, é conhecida como uma planta laxativa e foi prescrita na constipação e gastrite. O uso da violeta é relatado como eficaz em disúria, retenção urinária e dor no flanco. Também usada para tratar

doenças de pele como urticária, dermatite alérgica e outras desordens da pele. O óleo foi usado como tônico para cabelos e unhas. A planta e suas preparações são utilizadas para o tratamento de tumores malignos ou cancerosos, inflamação resistente e artrite.

5.7 Ações terapêuticas comprovadas

Uma busca na literatura científica (base de dados, descritores) permitiu a construção do Quadro 2, que consolida os dados científicos relacionados à *V. odorata* L. e seus efeitos terapêuticos, a forma de uso administrada e classificação do tipo de pesquisa [básica (em animais ou in vitro) ou clínica]. Estes estudos endossam cientificamente a extrapolação do uso em humanos, conforme citado pela Medicina Tradicional.

Quadro 2 - Informações coletadas das plataformas de buscas científicas sobre as ações terapêuticas comprovadas cientificamente segundo a) Efeito específico; b) Forma/ Partes utilizadas; e c) Tipo de pesquisa (Básica com animais/ In Vitro ou Clínica)

Efeito específico	Forma/ Parte utilizadas	Tipo de pesquisa
Sedativos e pré-anestésicos ¹	Extrato da violeta metanol e clorofórmio	Básica com animais
Dor ¹	Extratos metanoicos e aquosos	
Insônia ¹	Óleo de violetas em forma de gotas nasais	Clínico
Diurético e Laxativo ¹	Extratos (solventes diferentes polaridades) de partes aéreas violetas	Básica com animais
Adjuvante supressão e alívio da tosse em crianças ¹	Xarope das flores	Clínico
Diminuir as taxas de amigdalite e abscesso periamigdaliano ¹	Decocção da planta	
Anti-hipertensivas e antilipídêmicas ¹	Extrato aquoso-metanoico	Básica com animais
Câncer de mama, MCF-7 e MCF-7/ ADR ¹	Ciclotídeo presente na violeta	In Vitro
Podem eliminar os radicais NO e ação inibitória de cerca de 80,23% ± 0,87% da tirosinase ¹	Extratos (solventes diferentes polaridades) da violeta	
Antibacteriano ¹	Ciclotídeo presente na violeta	
Ação contra agentes infecciosos do trato respiratório ¹	Extrato metanoico de partes aerias	
Efeito de proteção do fígado e rins contra danos induzidos por Tetracloreto de Carbono (CCl ₄). ²	Pó das flores (adicionado à dieta)	Básica com animais
Ação moluscicida e inseticida contra Aedes, Anopheles e Culex ³	Extrato da planta	
Antidepressiva ⁴	Constituintes fitoquímicos isolados da planta	
Antifúngico contra <i>Fusarium graminearum</i> ⁵	Ciclotídeo presente na violeta	In Vitro
Câncer de próstata PC-3, MDA-MB-231 e câncer ovariano OVCAR-3 ⁵	Ciclotídeo presente na violeta	
Insônia ⁶	Óleo de flores da violeta	Clínico
Hiperplasia benigna da próstata ⁷	Solução hidroalcoólica dos extratos de Mistura de <i>V. odorata</i> L., <i>E. amoenum</i> e <i>P. alkekengi</i>	

Carcinoma de mama humano (MDA-MB-231), próstata (PC3) e ovariano (OVCAR) ⁸	Ciclotídeo presente na violeta	
Antibacteriano ⁸	Ciclotídeo presente na violeta	
Protegem as células neuronais contra a morte celular induzida (dano oxidativos) ⁹	Extrato hidroalcoólico	<i>In Vitro</i>
Melhoria de dor de cabeça em pacientes com enxaqueca ¹⁰	Combinação de flores <i>Viola odorata</i> L., flores <i>Rosa damascena</i> L. e <i>Coriandrum sativum</i> L.	Clínico
Anti-melanogênica ¹¹	Extratos (solventes diferentes polaridades) das folhas	<i>In vitro</i>
Contra câncer de mama 4T1 ¹²	Extratos hidroalcoólicos de partes aéreas	Básica com animais
Câncer bucal, displasia de língua. ¹³	Xarope da violeta	
Inibidores da lipase pancreática ¹⁴	Extrato de endófitos isolados da planta	<i>In vitro</i>
Prevenção de danos inflamatórios no pulmão ¹⁵	Extrato aquoso de pétalas de violeta	Básica com animais
Asma brônquica, Anti-hipertensivo, Antidiarreico ¹⁶	Extrato de partes aéreas	

1. Feyzabadi e colaboradores (2017), 2. Elhassaneen e colaboradores (2013), 3. Mittal e colaboradores (2015), 4. Karima e colaboradores (2018), 5. Parsley e colaboradores (2018), 6. Z. Feyzabadi *et al.*, (2018), 7. Beiraghdar e colaboradores (2017), 8. Kirkpatrick e colaboradores (2017), 9. Mousavi e colaboradores (2016), 10. Kamali e colaboradores (2016), 11. Baradaran e colaboradores (2017), 12. Alipanah e colaboradores (2018), 13. Helli e colaboradores (2015), 14. Katoch e colaboradores (2017), 15. Koochek, M. H.; Pipelzadeh M. H.; Mardani, H. (2003), 16. Janbaz KH, Khan WU, Saqib F, Khalid M. (2015)

5.8 Benefícios e riscos do Uso Místico da planta à luz de conhecimentos fitoquímicos

Este tópico merece atenção especial, já que o uso indiscriminado de plantas, a cultura de automedicação e a indicação de pessoas para pessoas sem orientação de um profissional são práticas tão evidentes na cultura do povo brasileiro. Nessa perspectiva, deve-se levar em consideração os riscos que as plantas podem trazer, que podem ser desde leves alterações, como um simples mal-estar, até quadros mais graves, como lesões em órgãos específicos ou até mesmo a morte (ALMEIDA; ROCHA, 2010; FRANÇA *et al.*, 2008).

Sabe-se que existem muitas plantas que, anatomicamente, são muito parecidas e que tal fato somado à ignorância podem levar ao uso irracional. Deve-se, também, levar em conta que algumas plantas sugerem mais riscos do que outras. Neste tocante, há algumas que possuem tanto propriedades medicinais promissoras quanto ações tóxicas elevadas. Assim, em quadros clínicos em que as pessoas estejam acometidas por doenças mais graves, podem acabar se arriscando sem nenhuma orientação confiável (GONÇALVES *et al.*, 2017).

Da mesma forma, componentes fitoquímicos podem variar muito dentro da mesma espécie, trazendo riscos. O teor e a presença destes constituintes podem variar em função de componentes genéticos do exemplar da espécie, também em função do clima ao qual está inserido, temperatura, exposição ao sol, intensidade de ventilação e hidratação, umidade, composição do solo e fonte de hidratação. Portanto, a padronização da matéria prima é característica essencial para produção de fitoterápicos e algo interessante a se pensar no contexto do uso popular (FRANÇA *et al.*, 2008).

Fitoquímica

O estudo de Koochek e colaboradores (2003) demonstrou que o extrato aquoso de *V. odorata* L. possui atividade anti-inflamatória pulmonar, quando usado pós dano induzido. *Viola odorata* L. contém alcalóide, glicosídeo, saponinas, salicilato de metila, mucilagem, vitamina C (STUART, 1989), flavonoides, taninos (VISHAL *et al.*, 2009), gomas (COIMBRA, 1958) além de resinas (LORENZI; MATOS, 2002). Assim, acredita-se que o efeito anti-inflamatório relatado no estudo pode ser majoritariamente justificado pelo conteúdo de salicilato. Entretanto, de encontro a essa informação, existe relatado o uso desta planta para o tratamento de gastrite (FEYZABADI *et al.*, 2017). Visto que os salicilatos podem causar incômodos gástricos, é possível supor que a planta pode ter um ou mais constituintes que minimizam o efeito adverso do salicilato ou que, de alguma forma, sobrepõe esse sintoma negativo e promove o efeito gastroprotetor.

Vishal e colaboradores (2009) realizaram um estudo de toxicidade dos extratos em questão na dose máxima de 2000 mg/kg e não encontraram efeitos letais. Demonstrou-se que, quando utilizadas as doses terapêuticas adequadas desta planta, não foram observados riscos ou efeitos adversos (THOMAS, 2010 *apud* FEYZABADI *et al.*, 2017). Um estudo analisou a toxicidade de extratos de folhas da violeta em doses crescentes do extrato (1, 3 e 5 g/Kg) em camundongos. O resultado foi que, durante um período de 48 horas, todos eles apresentaram atividade normal (SIDDIQI *et al.*, 2012). Portanto, estes estudos indicam que o uso da violeta na Medicina Tradicional não representa riscos elevados à saúde.

Como observado no Quadro 2, estudos mostraram potenciais terapêuticos advindos de atividades biológicas de ciclotídeos presentes em extratos de partes da violeta. Nesse sentido, um estudo identificou 30 ciclotídeos em partes aéreas e raízes da planta (IRELAND; COLGRAVE; CRAIK, 2006). No estudo realizado por Kumar e colaboradores (2015), a análise por cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massa (GC-MS) de extratos metanólicos e etanólicos de *Viola odorata* L. mostrou a presença de pentano 2,3,4-trimetil (45%), ácido N-hexadecanóico (28,85%), 10- Undecyn-1 (14,43%) e ácido pentadecanóico (8,14%). Bem como a análise da composição do óleo essencial das folhas de *Viola odorata* L. revelou a presença de duas substâncias em quantidades elevadas, a butil-2-etilhexilftalato e 5,6,7,7a-tetra-hidro-4,4,7a-trimetil-2 (4H) –benzofuranona (AKHBARI; BATOOLI; KASHI, 2012).

Em extratos da planta, foi detectada a presença de melatonina. Esta substância é secretada pela glândula pineal de mamíferos e está relacionada à fisiopatologia e fisiologia, como controle do ciclo circadiano, prevenção de isquemias, alívio de dores crônicas, efeitos

oncostáticos, controle da imunidade, distúrbios neurológicos, além de possuir atividade antimicrobiana, anti-inflamatória e antioxidante (ANSARI *et al.*, 2010). Outros estudos relacionam o uso da violeta e sua atividade no combate à insônia (FEYZABADI *et al.*, 2014a; FEYZABADI *et al.*, 2018). Ainda, considerando que a planta não tem indícios fortes de toxicidade, seu uso pode ser investigado como medida complementar para o tratamento de insônia e, também, como coadjuvante no processo de desmame, retirada gradual e racional, quando indicado, de benzodiazepínicos em pacientes em uso prolongado do medicamento.

A viola-quercetina é um violino alcalóide emetocatórtico presente em todas as partes da planta (KOOCHKEK *et al.*, 2003; LAMAISON *et al.*, 1991), sendo necessário certo cuidado com o uso, pois é esperado que o excesso ou o uso sem o propósito cause vômitos excessivos e diarreia. Neste sentido, estudos mais aprofundados sobre a toxicidade destas substâncias são necessários, visto o potencial de efeitos adversos relacionados a algumas substâncias presentes na planta, como, por exemplo, os alcaloides (SIMÕES *et al.*, 2007).

No estudo de Karioti e colaboradores (2011), foram feitas análises de decoctos e infusos de flores de *Viola odorata* L. revelou a presença de flavonóis glicosilados, como, por exemplo, flavonóis tri e tetra glicosilados, derivados de quercetina e kaempferol, rutina, açúcares livres, mucilagem, antocianinas. As flores de *V. odorata* L. possuem substâncias odorantes, corantes e açúcares (KOOCHKEK *et al.*, 2003). Conforme estudo realizado por Hammami e colaboradores (2011), as flores da planta apresentaram elevadas porcentagens de monoterpenos e sesquiterpeno. Os componentes dominantes foram 1-fenilbutanona (22,43%), linalol (7,33%), álcool benzílico (5,65%), α -cadinol (4,91), globulol (4,32%) e viridiflorol (3,51%). Pulegona (3,33%), epi- α -cadinol (3,05%), terpinen-4-ol (2,31%), germacreno A (1,99%) e parametilanisol (1,09%) também apareceram em menor quantidade no óleo analisado.

Em análise por cromatografia gasosa (CG) do óleo flores de violetas em óleo de amêndoas, realizada por Feyzabadi e colaboradores (2016), foram encontrados ácido oleico (70,54%), ácido linoleico (ácidos graxos ômega-6) (18,22%), ácido palmítico (8,51%), ácido esteárico (1,58%), e ácido palmitoleico (0,69%). O estudo ainda indica benefícios que podem advir dessas substâncias, como, por exemplo, o ácido linoleico, que leva à diminuição dos níveis de LDL e possui efeito anti-hipertensivo. Ainda, o ácido palmitoleico apresenta ação anti-inflamatória e atua na prevenção de danos em células produtoras de insulina.

Com todo o exposto, fica evidente a necessidade de novas investigações que busquem entender mais sobre os riscos do uso da *Viola odorata* L. por humanos, visto a pequena quantidade estudos de toxicidade. Mesmo não sendo uma planta nativa brasileira, há muitos relatos de seu uso na medicina popular do país. Além disso, os estudos fitoquímicos revelam

uma quantidade significativa de moléculas distintas. Essas informações, quando somadas, ressaltam ainda mais a necessidade de estudos, bem como indicam o potencial curativo da planta.

Um trecho do relato na entrevista de P5 chamou atenção: em muitos momentos, falou de seu medo em sair na rua na época do ocorrido, pois tinha muito receio de cair, como exemplificado a seguir: “Eu sentia tontura, tinha medo de ir na rua, minha cabeça rodava, eu falava assim: não posso sair na rua, estou tonta” (P5, 2018).

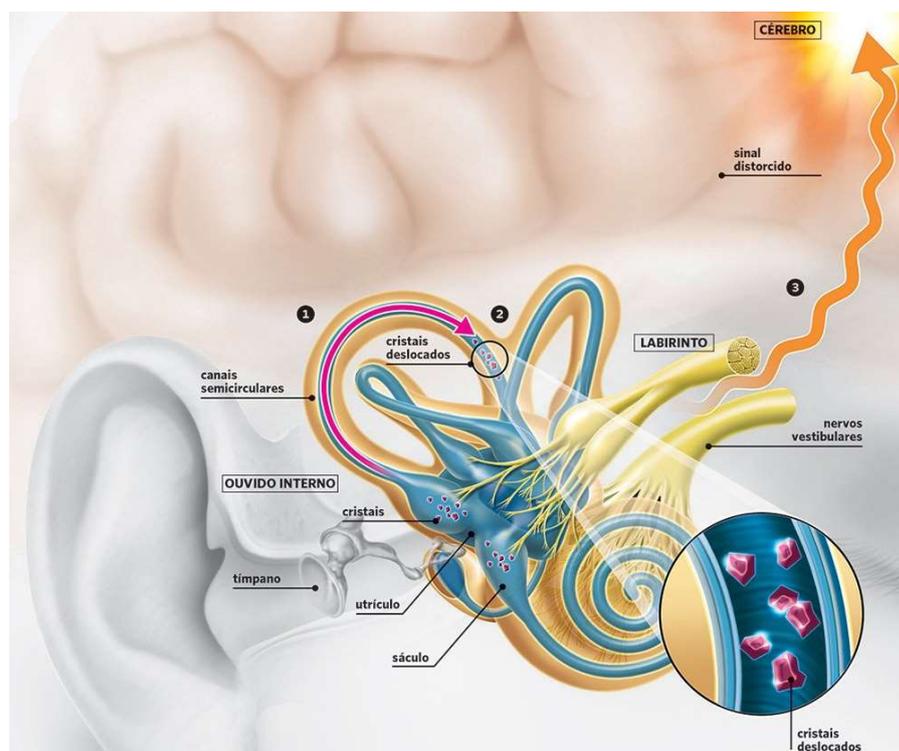
A “tontura” foi a palavra escolhida pela entrevistada para expressar um dos sintomas que sentia com frequência naquela época. Para um diagnóstico médico mais apurado de uma patologia dessa natureza, as experiências sensoriais relatadas pelos pacientes são cruciais na avaliação clínica, como, por exemplo, a referência de “sentir a cabeça rodar”. Mesmo que o/a entrevistado/a P5 tenha afirmado ter sido submetida a exames e diagnosticada como portadora da labirintite, e que a planta cura esta doença, convém lembrar que é muito comum o equívoco dessa relação de causalidade sensações/patologia (tontura como sinônimo de vertigem = labirintite), uma vez que existem diversas outras causas para a ocorrência desta patologia. Segundo Procópio e colaboradores (2011, p.94): “A vertigem consiste em falsa sensação de movimento ou de rotação ou na impressão de que os objetos se movem ou giram, acompanhada, habitualmente, de náuseas e de perda do equilíbrio. ”

A revisão de Bertol e Rodrigues (2008) levantou pontos importantes quanto ao diagnóstico e manejo do paciente vertiginoso:

- É costumeiro que a tontura como sinônimo de vertigem seja diagnosticada de forma superficial ou errônea tanto por médicos como por leigos, pois é comum a existência de outras causas para este sintoma e não somente o termo labirintite, que é tão em voga. Sensações semelhantes podem ser provocados por hiperventilação, hipoglicemia, sintomas somáticos de depressão, ansiedade e esquizofrenia;
- Anatomicamente, o aparelho vestibular é localizado na orelha interna e é formado por um labirinto ósseo (Figura 3), o qual possui, em seu interior, tecido membranáceo. Entre os dois, existe um líquido chamado perilinfa e, internamente ao tecido membranáceo, a endolinfa. Apesar de o nome destes líquidos poderem remeter a uma associação com o sistema linfático, é importante saber que esse tecido não é irrigado por este sistema. O labirinto é dividido em aparelho coclear e vestibular, esse último, responsável pelo equilíbrio;

- O labirinto vestibular é majoritariamente irrigado e drenado pela artéria e veia labiríntica. É formado por três canais semicirculares, responsáveis pelo equilíbrio dinâmico; também fazem parte o utrículo e sáculo, região que confere o equilíbrio estático e onde existem os cristais de carbonato de cálcio, chamados de otólitos. Outro acessório não menos importante é o nervo vestibular, que possui outras estruturas que são capazes de fazer a comunicação com o cérebro;
- A vertigem pode ser resultado de problemas no aparelho vestibular. Já o termo labirintite está mais relacionado a uma inflamação neste aparelho e pode, inclusive, estar ligada a infecções virais e bacterianas nesta região. Nesse sentido, diversas doenças podem causar vertigem como, por exemplo, a Vertigem Posicional Paroxística Benigna, sobre a qual há uma teoria de que a doença pode ser causada pelo deslocamento dos otólitos (Figura 3) para os canais semicirculares, local não apropriado para eles, e, assim, gerar mensagens equivocadas;
- Outras doenças como Vertigem Postural Fóbica, Falência Vestibular Súbita, Vertigem Trauma Craniano, Vertigem Medicamentosa, doença de Ménière, Enxaqueca Basilar, dentre outras, também podem gerar vertigem e estar ligados ao ouvido interno.

Figura 3 – Vetigem Posicional Paroxística Benigna



Fonte: Adaptada de Lucírio (2018, s/p).

Considerando tais pontos, é necessário admitir que seria leviano afirmar uma relação de causalidade positiva entre a tontura e labirintite, bem como a relação de eficácia entre a *Viola odorata* L. e a melhora dos sintomas de tontura/vertigem. Entretanto, é possível supor que a presença fitoquímicos presentes na planta com efeito antimicrobiano e antiinflamatório demonstrados nos estudos recentes indicam que o uso desta espécie pode ser uma forma efetiva de tratamento da labirintite.

Nesse sentido, fica a necessidade de se desenvolver mais estudos a respeito da fitoquímica das violetas dessa espécie cultivadas nos Brasil, de forma a padronizar e compreender mais sobre os constituintes e, quem sabe, assim, desvendar os possíveis mecanismos de ação. Como foi visto no decorrer deste estudo, a *Viola odorata* L. possui muitas moléculas com ações distintas e em diferentes órgãos, tornando-se candidata promissora no tratamento de doenças do labirinto ou do sistema nervoso central que causem vertigem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, ficou claro que o conhecimento a respeito do uso popular de plantas ainda é vivo na sociedade e que o mesmo deve ser explorado de forma racional a fim de valorizar a cultura do povo brasileiro, bem como para consolidar o uso de plantas como prática integrativa e complementar segura. Nesse sentido, observou-se que os participantes desta pesquisa faziam e perpetuavam o uso de espécies medicinais e esses conhecimentos, na maioria das vezes, foram passados em receitas familiares. Ressalta-se a postura cautelosa a respeito das indicações por todos participantes, demonstrando o cuidado que se deve ter com o uso de ervas medicinais. Assim, esses especialistas exercem papel fundamental no sistema autocurativo presente na sociedade.

O uso popular de plantas, durante muito tempo, ficou em desuso e, recentemente, vem ganhando espaço novamente. Nesse sentido, o registro e a investigação em torno dessa prática representa ganhos materiais e imateriais, por ser um caminho fundamental para descoberta de novas substâncias, bem como uma forma de resgatar a identidade de um povo. No contexto urbano, as pessoas têm mais acesso a informação e tendem a adotar conhecimentos mais pautados nos avanços científicos, tendo, assim, menor afinidade com o Uso Místico de plantas. Entretanto, mesmo assim, este uso foi identificado por esta pesquisa. Foi possível perceber que a religiosidade e espiritualidade são aspectos importantes no processo saúde/doença. Nesse sentido, no uso sobrenatural, as plantas deixam de ter apenas um papel simbólico e passam a representar o sentimento de “estar curado” ou “em processo de cura”. Em contraposto à medicina hegemônica, no universo do Uso Místico, a palavra “porque” ganha dimensões que vão além das possíveis respostas mecanicistas. Nesse sentido, o tratamento holístico, a visão dual, corpo/mente, levam a crer que, ao Uso Místico de plantas, não é conferido apenas caráter sacral, mas também funcional.

A revisão da literatura a respeito da *Viola odorata* L. permitiu perceber que, muitas vezes, o conhecimento popular teve seu uso comprovado através de estudos científicos posteriores, afirmando, assim, a importância dos estudos etnobotânicos não apenas no tocante cultural e da saúde integral, mas, também, como ferramenta eficaz na busca de princípios ativos. Visto que essa planta também teve indicação mística pronunciada, voltamos ao início deste trabalho, quando questionamos se este Uso Místico deveria ser deixado de lado. Neste caso, trata-se de mais um dos “porques” da ciência. Há o relato de que várias pessoas melhoraram os sintomas e se curaram de labirintite. Assim, considerando a quantidade de constituintes

fitoquímicos de interesse que a planta apresenta, fica a necessidade de novas investigações em torno deste uso.

REFERÊNCIAS

- A SHAKESPEARE GARDEN. Violets in Shakespeare. In: **A Shakespeare Garden (Online)**, 2018. Disponível em: <<https://bardgarden.blogspot.com/2014/10/violets-in-shakespeares-works.html>>. Acesso em: 03/10/2018.
- ABRANTES, A.C.S.; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 2, p. 469-489, maio-ago. 2010.
- AKHBARI, M.; BATOOLI, H.; KASHI, F. J. Composition of essential oil and biological activity of extracts of *Viola odorata* L. from central Iran. **Nat Prod Res.** 26(9): 802-809, 2012.
- ALCANTRA, D. Violeta (*Viola odorata*). In: **A louca dos perfumes (online)**, 20 de Agosto de 2014. Disponível em: <<https://aloucadosperfumes.com/2014/08/20/violeta-viola-odorata/>>. Acesso em: 12 de Setembro de 2018.
- ALIJA, J. La violeta. In: **Josean Alija (online)**, 10 de Maio de 2018. Disponível em: <<http://www.joseanalija.com/violeta/>>. Acesso em: 10/08/2018.
- ALIPANAH, H.; BIGDELI, M. R.; ESMAEILI, M. A. Inhibitory Effect of *Viola odorata* Extract on Tumor Growth and Metastasis in 4T1 Breast Cancer Model. **Iranian Journal of Pharmaceutical Research**, 17 (1): 276-291, 2018.
- ALMEIDA, A. K. P. de; ROCHA, F. A. G. da. **Os riscos em potencial do uso indiscriminado de plantas medicinais**. Disponível em: <<http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNepi2010/paper/viewFile/676/407>>. Acesso em: 25/10/2018.
- ALMEIDA, M. Z. **Plantas Mediciniais**. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf>>. Acesso em: 19/11/2017.
- ALVIM, N.A.T. et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 3, 2006.
- AMER, A.; MEHLHORN, H. Repellency effect of forty-one essential oils against Aedes, Anopheles, and Culex mosquitoes. **Parasitol Res.** 99(4): 478-490, 2006.
- ANDRADE, J. M. T. Antropologia do Mundo das Plantas Mediciniais. **Habitus**, Goiânia, v. 7, n.1/2, p. 249-263, jan./dez. 2009.
- ANSARI, M.; RAFIEE, K.; YASA, N.; VARDASBI, S.; NAIMI, S. M.; NOWROUZI, A. Measurement of melatonin in alcoholic and hot water extracts of *Tanacetum parthenium*, *Tripleurospermum disciforme* and *Viola odorata*. **DARU Journal of Pharmaceutical Sciences**. 18(3):173-178, 2010.

ARAÚJO, E.C. et al. Use of medicinal plants by patients with cancer of public hospitals in João Pessoa (PB). *Revista Espaço para a Saúde*, v. 8, n. 2, p. 44-52, 2007.

BALBACHAS, A. **As plantas curam**. 8ª ed. São Paulo: Editora Missionária “A verdade presente”, 1959.

BARADARAN RAHIMI, V.; ASKARI, V. R.; EMAMI, S. A.; TAYARANI-NAJARAN, Z. Anti-melanogenic activity of *Viola odorata* different extracts on B16F10 murine melanoma cells. *Iran J Basic Med Sci*. 20:242-249, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

BEIRAGHDAR, F.; EINOLLAHI, B.; GHADYANI, A.; PANAHI, Y.; HADJIAKHOONDI, A.; VAZIRIAN, M.; SALARYTABAR, A.; DARVISHI, B. A two-week, double-blind, placebo-controlled trial of *Viola odorata*, *Echiummoenum* and *Physalisalkekengi* mixture in symptomatic benign prostate hyperplasia (BPH) men. *Pharmaceutical Biology*, 55:1, 1800-1805, 2017.

BERTOL, E.; RODRÍGUEZ, C. A. Da tontura à vertigem: Uma proposta para o manejo do paciente vertiginoso na atenção primária. *Rev. APS*, v. 11, n. 1, p. 62-73, jan./mar. 2008.

BEUX, M. T.; KUJAWA, I. Uso abusivo de psicofármacos: medicalização da vida e consequências psicossociais. **Portal de Conferências da IMED, IX Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e VIII Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da IMED**, 2015. Disponível em: <<https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/ixmic/paper/view/33>>. Acesso em: 15/10/2018.

BOCHNER, R. et al. Problemas associados ao uso de plantas medicinais comercializadas no Mercado de Madureira, município do Rio de Janeiro, Brasil. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 14, n. 3, p. 537-547, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722012000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30/10/2018.

BOFF, L. A importância da espiritualidade para a saúde. **Leonardo Boff (Online)**, 13 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2013/-11/16/a-importancia-da-espiritualidade-para-a-saude/>>. Acesso em: 15/10/2018.

BORGES, E. P. **Degustando vinhos: a prática da degustação para iniciantes e iniciados**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, 64 p.: il. color. – (Série B. Textos Básicos de Saúde). 2009.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Diretrizes metodológicas: elaboração de revisão sistemática e metanálise de ensaios clínicos randomizados**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_metodologicas_elaboracao_sistematica.pdf>. Acesso em: 07/12/2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf>. Acesso em: 30/09/2017

_____. Ministério do Meio Ambiente. Convenção sobre diversidade biológica – CDB. **Ministério do Meio Ambiente (online)**, S/D. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/7513-conven%C3%A7%C3%A3o-sobre-diversidade-biol%C3%B3gica-cdb>>. Acesso em: 28/09/2017.

BRATMAN, S. **Guia prático de medicina alternativa: uma avaliação realista dos métodos alternativos de cura**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CAMARGO, M. T. L. de A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil – 1a ed.** – São Paulo: Ícone, 2014.

CAROPRESO, F. Inconsciente, cérebro e consciência: reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 271-82, 2009.

COIMBRA, R.; SILVA, E. D. Notas de fitoterapia: catálogo dos dados principais sobre plantas utilizadas em medicina e farmácia. 2. ed. Rio de Janeiro: Laboratório Clínico Silva Araújo, 1958.

D'OSOGIYAN, F. As Ervas. In: **Candomblé (online)**, S/D. Disponível em: <<https://ocandomble.com/ervas/>>. Acesso em: 26/08/2018.

ELHASSANEEN, Y.; SABRY, S.; MUSALUM, T.; EL-ESKAFY, A.; ABD EL-FATAH, A. Effect of Sweet Violet (*Viola odorata* L.) Blossoms Powder on Liver and Kidney Functions as well as Serum Lipid Peroxidation of Rats Treated with Carbon Tetrachloride. **Journal of American Science**. 9(5): 88-95, 2013.

ELISABETSKY, Elaine. Etnofarmacologia. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 55, n. 3, p. 35-36, set., 2003. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252003000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12/10/2018.

ERVAS SAGRADAS DOS ORIXÁS. Ervas de Exu. In: **Ervas Sagradas dos Orixás (online)**, S/D. Disponível em: <<http://www.maemartadeoba.com.br/orixas%20mitos-%20e%20lendas/Ervas%20de%20Exu.htm>>. Acesso em: 26/08/2018.

FEYZABADI, Z et al. A Critical Review on Phytochemistry, Pharmacology of *Viola odorata* L. and Related Multipotential Products in Traditional Persian Medicine. **Phytotherapy Research**. 31: 1669–1675, 2017.

FEYZABADI, Z. et al. Efficacy of *Viola odorata* in treatment of chronic insomnia. **Iran Red Crescent Med J**. 16(12): e17511, 2014b.

FEYZABADI, Z.; PASALAR, M. Analysis of Almond-Violet Oil by Gas Chromatography (A Traditional Formula). **Iranian Journal of Medical Sciences**. 41(3 Suppl):S2, 2016.

FEYZABADI, Z.; REZAEITALAB, F.; BADIEE, S.; TAGHIPOUR, A.; MOHARARI, F.; SOLTANIFAR, A.; AHMADPOUR, M. R. Efficacy of Violet oil, a traditional Iranian formula, in patients with chronic insomnia: A randomized, double-blind, placebo-controlled study. **J Ethnopharmacol**. 214: 22-28, 2018.

FRANÇA, I. S. X. et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 2, p. 201-208, Abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00347167200800020-0009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22/09/2018.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Subjetividade, espiritualidade, gestão e Estado na Educação Popular em Saúde: um debate a partir da obra de Eymard Mourão Vasconcelos. **Interface**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1269-1281, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832014000601269&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/10/2018.

GONÇALVES, N. M. T. e colaboradores. Políticas de Saúde para a Fitoterapia no Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**. [S.l.]. 18(4):632-637, 2013.

GONÇALVES, R. N.; GONÇALVES, J. R. da S. N.; BUFFON, M. da C. M.; NEGRELLE, R. B. Plantas Mediciniais: Relacionando conhecimento popular e científico na atenção primária à saúde. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v.18 n.4, Out. - Dez./2017.

GONTIJO, M. B. A.; NUNES, M. F. Práticas integrativas e complementares: conhecimento e credibilidade de profissionais do serviço público de saúde. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, p. 301-320, jan./abr. 2017.

HEINZMANN, B. M.; BARROS, F. M. C. Potencial das plantas nativas brasileiras para o desenvolvimento de fitomedicamentos tendo como exemplo *Lippia Alba* (MILL.) N. E. Brown (VERBENACEAE). **Revista do Centro de Ciências da Saúde**, Santa Maria, vol 33, n 1: p 43-48, 2007

HELLI, S.; DAMGHANI, H.; MOHAJERI, D.; MESGARI ABBASI, M.; ATTARAN, R.; ZAHED, M. Evaluation of the Effect of Two Different Systemic Doses of *Viola Odorata* on Prevention of Induced Tongue Dysplasia in Rats. **J Dent Shiraz Univ Med Sci.**, 17(3): 185-192, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE AROMATOLOGIA – IBRA. Aroterapia ou Aromatologia? **(Online)**, 09 de dezembro de 2018. Disponível em: <<http://www.ibraromatologia.com.br/default.asp?pagina=aromatologia>>. Acesso em: 09/12/2018.

INOUE, T. M.; VECINA, M. V. A. Espiritualidade e/ou religiosidade e saúde: uma revisão de literatura. **J Health Sci Inst**. 35(2):127-30, 2017. Disponível em:

<https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2017/02_abr-jun/V35_n2_2017_p127a130.pdf>. Acesso em: 15/10/2018.

IRELAND, D. C.; COLGRAVE, M. L.; CRAIK, D. J. A novel suite of cyclotides from *Viola odorata*: sequence variation and the implications for structure, function and stability. **Biochem J.** 400(1): 1-12, 2006.

JANBAZ, K. H.; KHAN, W. U.; SAQIB, F.; KHALID, M. Pharmacological basis for the medicinal use of *Viola odorata* in diarrhea, asthma and hypertension. **Bangladesh J Pharmacol.** 10: 836-43, 2015.

JORGE, S. da S. A.; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M.F.B., COSTA JÚNIOR, P.; DOMBROSKI, J.L.D. (Org.). **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**: anais do 1 Seminário Matogrossense de Etnobiologia e Etnoecologia e 2 Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais. Cuiabá: Ed. Unicem; p.89-98, 2003.

VIEGAS JUNIOR, C.; BOLZANI, V. S.; BARREIRO, E. J. Os Produtos Naturais e a Química Medicinal Moderna. **Química Nova**, Vol.29, No. 2, 326-337, 2006.

JÜTTE, R. et al. Herbal medicinal products – Evidence and tradition from a historical perspective. **Journal of Ethnopharmacology**, 207: 220–225, 2017.

KALIKS, B. O que é a medicina antroposófica? In: **Sociedade Antroposófica (online)**, outubro de 1990. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/medicinaeterapias/213-oqueeamedicinaantroposofica>>. Acesso em: 25/10/2018.

KAMALI, M.; SEIFADINI, R.; KAMALI, H.; MEHRABANI, M.; JAHANI, Y.; TAJADINI, H. Efficacy of combination of *Viola odorata*, *Rosa damascena* and *Coriandrum sativum* in prevention of migraine attacks: a randomized, double blind, placebo-controlled clinical trial. **Electron Physician.** 10(3):6430-6438, 2018.

KARIMA, N.; KHANB, I.; ABDELHALIMC, A.; KHAND, A.; HALIME, S. A. Antidepressant potential of novel flavonoids derivatives from sweet violet (*Viola odorata* L): Pharmacological, biochemical and computational evidences for possible involvement of serotonergic mechanism. **Fitoterapia.** 128: 148-161, 2018.

KARIOTI, A.; FURLAN, C.; VINCIERI, F. F.; BILIA, A. R. Analysis of the constituents and quality control of *Viola odorata* aqueous preparations by HPLC-DAD and HPLC-ESI-MS. **Anal Bioanal Chem.** 399(4): 1715-1723, 2011.

KATOCH, M.; PAUL, A. SINGH, G.; SRIDHAR, S. N. C. Fungal endophytes associated with *Viola odorata* Linn. as bioresource for pancreatic lipase inhibitors. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 17, Agosto, 2017.

KIRKPATRICK, C. L. et al. The “PepSAVI-MS” Pipeline for Natural Product Bioactive Peptide Discovery. **Anal Chem.** 89(2):1194-1201, 2017.

Koochek, M. H.; Pipelzadeh M. H.; H. Mardani, H. The Effectiveness of *Viola odorata* in the Prevention and Treatment of Formalin-Induced Lung Damage in the Rat. **Journal of Herbs, Spices & Medicinal Plants**,10:2, 95-103, 2003.

KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2002.

KUMAR, V.; SURATI, V.; SINGH, R. P.; SRIVASTAVA, G. K.; SINGH, A. K. Evaluation of in vitro antimicrobial activity and essential oil composition of ethanol extract of *Viola odorata* leaves. **World Journal of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences**. 4(5): 1121-1129, 2015.

LILIANA. February in toulouse means violet festival! In: Southwest story blog (online), 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://southweststory.com/wp/february-in-toulouse-means-violet-festival>>. Acesso em: 15/08/2018.

LIMA, C. A. B. et al. O uso das plantas medicinais e o papel da fé no cuidado familiar. **Revista Gaúcha Enfermagem**. [S.l.]. 37(esp):e68285, 2016.

LINDMAN, C.A.M., Bilder ur Nordens Flora. In: **Plantillustrations (online)**, S/D. Disponível em: <http://plantgenera.org/volume.php?id_volume=5359&SID=5g-70tasstr2ltno1v3k81fvs5&mobile=0&size=1>. Acesso em: 01/10/2018 LINDMAN,

LUCÍRIO, I. O que é labirintite? In: **Saúde (online)**, 15 de maio de 2018. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-a-labirintite/>>. Acesso em: 14/11/2018.

LUZ, M. C. M.; GUIMARÃES, O. A.; SANTOS, É. P. As espécies de Violaceae Batsch nativas no Estado do Paraná, Brasil. **Acta Biol. Par.**, Curitiba, 31 (1, 2, 3, 4): 1-41, 2002

MABILLARD, A. Uma análise do Soneto de Shakespeare 99. **Shakespeare (Online)**, 2000. Disponível em: <<http://www.shakespeare-online.com/sonnets/99detail-.html>>. Acesso em: 14/10/2018.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA Jr., V. F.; GRYNBERG, N. F.; ECHEVARRIA, A. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**. 25(3): 429-438, 2002.

MARINI, A. Violette e pensée. In: **Biblioteca Museo Teatrale SIAE (Sociedade Italiana de Autores e Escritores) (online)**, 3 de maio a 1 de julho de 2005. Disponível em: <<http://www.burcardo.org/mostre/duse/duse5.asp>>. Acesso em: 14/09/2018.

MARTÍNEZ-ALFARO, M. Estado actual de las investigaciones etnobotánicas en México. **Boletín de la Sociedad Botánica de México**, 55: 67-74, 1994.

MATOS, J. C. M. Instinto e razão na natureza humana, segundo Hume e Darwin. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 263-86, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª ed. São Paulo (SP): Hucitec-Abrasco, 2006.

MITTAL, P.; GUPTA, V.; GOSWAMI, M.; THAKUR, N.; BANSAL, P. Potencial Fitoquímico e Farmacológico da *Viola Odorata*. **Int J Farmacognosia**. 2 (5): 215-20, 2015.

MODZELEVICH, M. *Viola odorata*. 2005-2018. In: **Flores em Israel (online)**, S/D. Disponível em: <http://www.flowersinIsrael.com/Violaodorata_page.htm>. Acesso em: 10/08/2018.

MORAES, A. B. A. de; ROLIM, G. S.; COSTA JR., A. L. O processo de adesão numa perspectiva analítico comportamental. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 329-345, dez., 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29/10/2018.

MOUSAVI, S. H.; NAGHIZADE, B.; POURGONABADI, S.; GHORBANI, A. Protective Effect of *Viola tricolor* and *Viola odorata* Extracts on Serum/Glucose Deprivation-Induced Neurotoxicity; Role of Reactive Oxygen Species. **Avicenna J Phytomed**, 6 (4): 434-441, 2016.

NASCIBEM, F. G.; VIVEIRO, A. A. Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino das ciências. **Revista Interações**, v. 11, n. 39, p. 285-295, 2015.

NICOLETTI, M. A. et al. Farmacovigilância de drogas vegetais e seus derivados: uma ação necessária e já iniciada para a segurança do paciente, no contexto do uso racional de medicamentos. **Revista visa em debate**, 2015. Disponível em: <http://isags-unasur.org/wp-content/uploads/2018/03/artigo_farmacovigilancia_2015_port-1.pdf>. Acesso em: 14/11/2018.

OLIVEIRA, F. C. et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta bot. bras.** 23(2): 590-605, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023**. Hong Kong, 2013. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/95008/1/9789243506098_spa.pdf>. Acesso em: 05/11/2017.

PARSLEY, N. C.; KIRKPATRICK, C. L.; CRITTENDEN, C. M.; RAD, J. G.; HOSKIN, D. W.; BRODBELT, J. S.; HICKS, L. M. PepSAVI-MS reveals anticancer and antifungal cycloviolacins in *Viola odorata*. **Phytochemistry**. 152: 61-70, 2018.

PATZLAFF, R. G. **Estudo etnobotânico de plantas de uso medicinal e místico na comunidade da Capoeira Grande, Pedra de Guaratiba (RJ) Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro. 2007.

PATZLAFF, R. G.; PEIXOTO, A. L. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro; v.16, n.1, jan.-mar. p.237-246, 2009.

PLAN, M. R.; SASKA, I.; CAGAUAN, A. G.; CRAIK, D. J. Backbone cyclised peptides from plants show molluscicidal activity against the rice pest *Pomacea canaliculata* (golden apple snail). **J Agric Food Chem.** 56(13): 5237-5241, 2008.

PROCÓPIO, D.F. et al. Vertigem: relato de caso. *Revista Médica de Minas Gerais*; 21(2 Supl 4): S1-S113, p. 94-96, 2011.

PROJETO MULTILATERAL COMENIUS. Jornada Europeia Através de Lendas: A lenda da Violeta – A flor. Proposta de um currículo interdisciplinar europeu. 2008-2010. Disponível em: <<http://comenius-legends.blogspot.com/2010/07/legend-of-violet.html>>. Acesso em: 20/08/2018.

PROYECTO SIERRA DE BAZA. La Vioeta (*Viola odorata*). **Revista Digital** – Edición Mensual. Ano XX, n 232, out., 2018. Disponível em: <<http://www.sierradebaza.org/index.php/mapa-web/82-principal/fichas-tecnicas/fichas-flora/515-violeta-viola-odorata>> Acesso em: 14/10/2018.

RAO, P. K.; HASAN, S. S.; BHELLUM, B. L.; MANHAS, R. K. Ethnomedicinal plants of Kathua district, J&K, India. **J Ethnopharmacol.** 171: 12–27, 2015.

RITTER, M. R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.12, n. 2, p.51-62, jul.-dez.2002

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; MORAES, L. R. R. Valente Fernandes Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

SADRAEIAN, M.; GUIMARÃES, F. E. G.; ARAÚJO, A. P. U.; WORTHYLAKE, D. K.; LECOUR, L. JR.; PINCUS, S. H. Selective cytotoxicity of a novel immunotoxin based on pulchellin A chain for cells expressing HIV envelope. **Scientific Reports**, 7:7579, 2017.

SALES, M. D. C.; SARTOR, E. B.; GENTILLI, R. M. L. Etnobotânica e etnofarmacologia: medicina tradicional e bioprospecção de fitoterápicos. Artigo de Revisão. [S.l.]. **Salus Journal Health Sciences.** 1(1): 17-26, 2015.

SANSO, A. M.; XIFREDA, C. C.; COLASANTE, M. Especies de Viola (Violaceae) adventicias en Argentina. **Darwiniana.** 43 (1-4): 192-200, 2005.

SERVAN-SCHREIBER, D. **Curar – o stress, a ansiedade e a depressão sem medicamento nem psicanálise.** 15ª ed. - São Paulo: Sá Editora, 2004.

SIDDIQI, H. S.; MEHMOOD, M. H.; REHMAN, N. U.; GILANI, A. H. Studies on the antihypertensive and antidyslipidemic activities of *Viola odorata* leaves extract. **Lipids in Health and Disease.** 11:6, 2012.

SILVA, P. H. da; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. de. Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. *Gaia Scientia*, 12(1): 1-16, 2018.

- SILVEIRA, S. T. da et al. A Dispensação de Psicofármacos em um Município de Pequeno Porte: Considerações Acerca da Medicalização da Vida. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 17-25, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198212472016000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12/10/2018.
- SIQUEIRA-BATISTA, R. e SCHRAMM, F. R.: Platão e a medicina. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 11(3): 619-34, set.-dez. 2004.
- SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; SIMON, D. **O guia decepar chora de ervas: 40 receitas naturais para sua saúde perfeita**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- SOUSA, R. F. B. **Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedoiras e Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica**. Disponível em: <http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9359-10082014-221519.pdf>. Acesso em: 03/10/2018.
- SOUSSUMI, Y. Tentativa de integração entre algumas concepções básicas da psicanálise e da neurociência. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro; vol.18, n.1, p.63 – 82, 2006.
- SOUZA, L. B. M. Disseminação da Informação sobre Plantas Medicinais. **PBCIB**, V. 1, n. 1, 2005.
- SOUZA, M. D. **O uso medicinal e místico de plantas por moradores do bairro Morretes, município de Nova Santa Rita, Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário La Salle. Canoas, 2007.
- STUART, M. Reference section. In: **The Encyclopedia of Herbs and Herbalism**. Spain: Macdonald, 1989.
- TACKE, K. **Viola odorata (Sweet violet)**. 2008. Disponível em: <http://bioweb.uwlax.edu/bio203/s2008/tacke_kati/facts.htm>. Acesso em: 10/10/2018.
- THE ACCOMPANIMENT COMPANY. Das Veilchen. 2014. Disponível em: <<https://www.theaccompanimentcompany.com/das-veilchen.html#/n>>. Acesso em: 10/10/2018.
- THIEZERINI, O. L. de L.; MOSCA, M. G. Caracterização anatômica da raiz de *Viola Odorata* L (Violaceae). **62º Congresso Nacional de Botânica Botânica e Desenvolvimento Sustentável**. Fortaleza, Ceará, 07 a 12 de Agosto de 2011.
- VISHAL, A.; PARVEEN, K.; POOJA, S.; KANNAPPAN, N.; KUMAR, S. Diuretic, laxative and toxicity studies of *Viola odorata* aerial parts. *Pharmacol Online*, 1: 739–748, 2009.
- WHEYRICH, L. S. et al. Neanderthal behaviour, diet, and disease inferred from ancient DNA in dental calculus. **Nature**. [S.l.]. 544: 357-361, 2017.
- ZENI, A. L. B. et al. Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva (online)**. v. 22, n.

8, pp. 2703-2712, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.18892015>>. Acesso em: 12/10/2018.

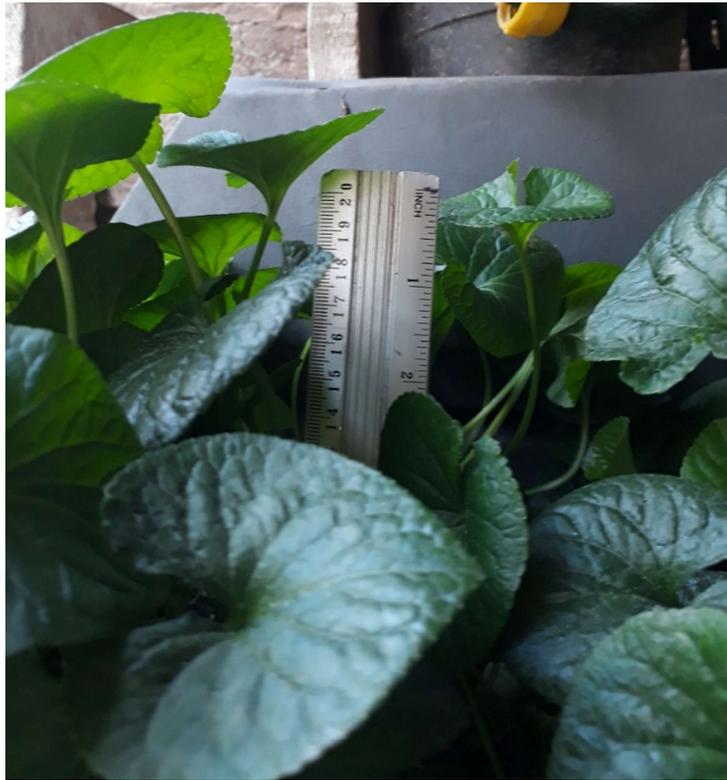
ZORZANELLI, R. T.; CRUZ, M. G. A. O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 22, n. 66, p. 721-731, Set., 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artte-xt&pid=S1414-32832018000300721&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/10/2018.

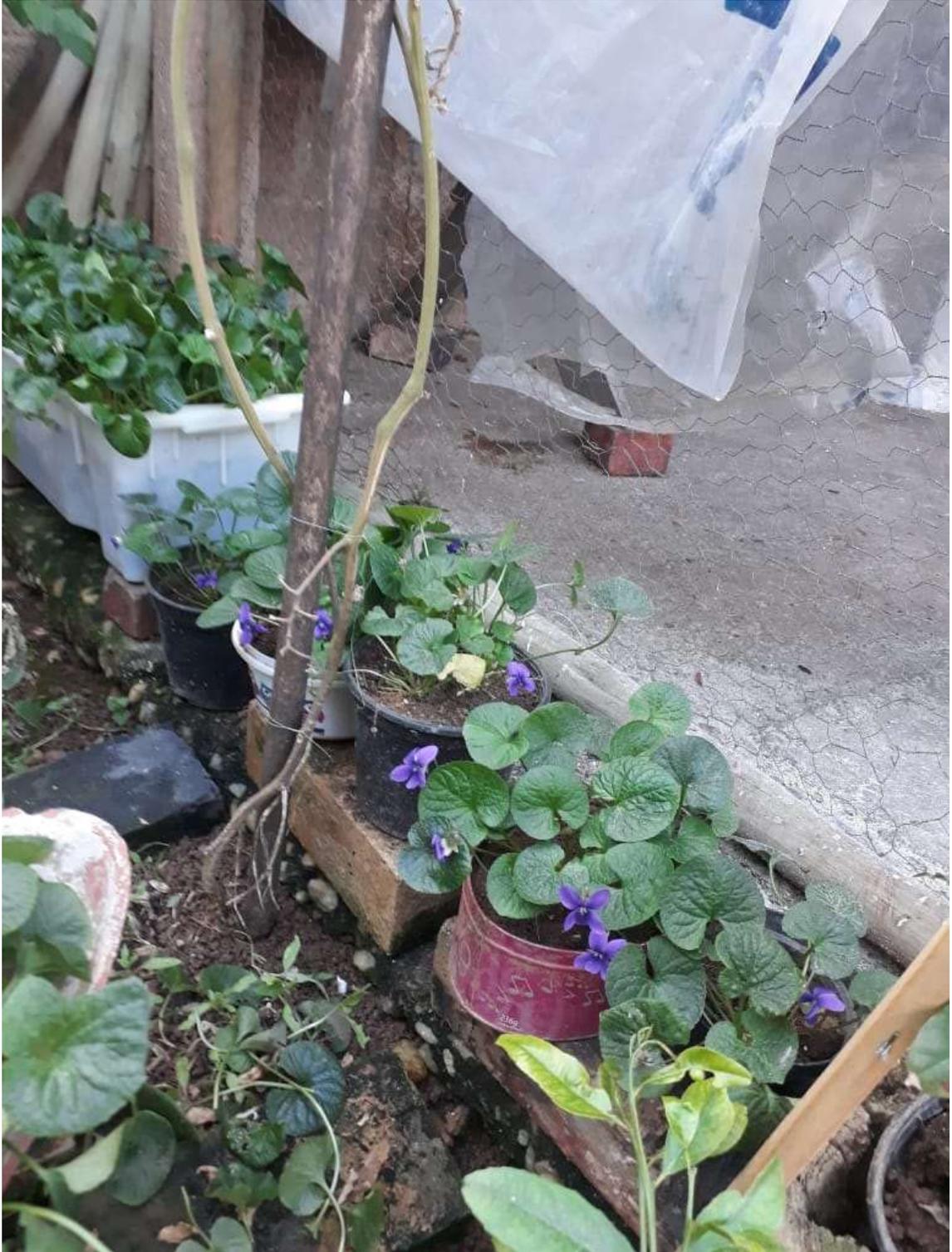
ZUFFERLI, C. et al. Dicionário de Dicionário Etimológico da Mitologia Grega Online: Nomes femininos. Università degli Studi di Trieste - Dipartimento di scienze dell'Antichità "Leonardo Ferrero". 2013. Disponível em: <<https://demgol.units.it/index.do>>. Acesso em: 15 de Agosto de 2018.

ANEXOS

**ANEXO A – FOTOS DA FLOR VIOLETA SINGELA – *VIOLA ODORATA* L.
(COLEÇÃO PESSOAL DO AUTOR DESTE TRABALHO)**







ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PARTICIPANTES

A pesquisa que você está sendo convidada/o a participar tem a intenção de conhecer sobre o Uso Tradicional e místico de plantas medicinais que a sra/sr tem costume. Sua participação se dará na forma de uma entrevista, de duração aproximada de 60 minutos, em local e horário combinados. Essa entrevista será gravada para que possamos conversar e eu não perca nenhum detalhe do que você me contar. Farei perguntas relacionadas a dados sobre si mesma/o (idade, sexo, ocupação, sobre sua moradia), sobre sua cultura (história familiar sobre o uso de plantas). Também conversaremos sobre o uso de plantas e aspectos relacionados a essa utilização (motivo, dose, quando iniciou, frequência, indicação e como obteve, com quem aprendeu, forma de uso, sobre as plantas e sobre o que você pensa e sente sobre o seu uso). O objetivo dessas perguntas é conhecer o que as pessoas pensam sobre o que as motiva ou desmotiva a utilizar plantas, considerando seu Uso Tradicional ou místico. Não será feita nenhuma atividade que lhe traga qualquer desconforto ou incômodo físico, nada que lhe provoque dor ou problema no corpo, o que quer dizer que não haverá nenhum tipo de atividade que comprometa a integridade de seu corpo ou risco à sua vida. Caso seja de sua preferência podemos executar a gravação usando um programa que irá alterar sua voz e se quiser, poderemos entrevista-lo sem gravar. A colaboração para o desenvolvimento dessa pesquisa é totalmente voluntária e você pode escolher não responder a qualquer uma ou todas as perguntas podendo a qualquer momento desistir de participar desse estudo ou retirar sua permissão a qualquer momento. A/o sra/sr poderá obter qualquer informação que quiser. É importante deixar claro que os resultados desta pesquisa serão publicados, mas em nenhum momento desse estudo, as pessoas que estarão trabalhando com seus dados saberão que você participou, ou seja, será garantido o sigilo de seus dados e seu anonimato, pois você será identificada/o por um código e não por seu nome. As informações analisadas não serão associadas ao nome dos participantes em nenhum documento, relatório e/ou artigo que seja resultante desta pesquisa. Esses procedimentos vão garantir que os dados serão confidenciais. Se você não quiser ou não puder mais participar da pesquisa, poderá pedir aos pesquisadores, a qualquer momento, que apaguem suas respostas. Informamos também que você não receberá dinheiro ou outra recompensa para participar dessa pesquisa, mas também não terá nenhuma despesa. Importante reforçar que a participação ou não nessa pesquisa em nada vai alterar o tipo e a qualidade de seu atendimento em qualquer unidade de saúde do Brasil. Sua participação é importante, pois é através deste tipo de pesquisa que esperamos aumentar nosso conhecimento sobre, por exemplo, sobre o uso de plantas e assim valorizar a cultura das pessoas que a utilizam, gerar estudo que possa avaliar os riscos e os benefícios dessa prática, bem como documentar informações sobre o uso de plantas que muitas vezes é perdido devido à falta de estudos e valorização do conhecimento tradicional criado ao longo dos tempos. Todo o material resultante deste estudo ficará sob a guarda da Prof.a Dr.a Elza Conceição de Oliveira Sebastião, na sala 26 da Escola de Farmácia – Universidade Federal de Ouro Preto, que será guardado e trancado em armário de aço apropriado para esse fim, tornando-se inacessíveis para os demais alunos e professores. Esse material ficará armazenado pelo prazo de cinco anos, quando será destruído. Esses procedimentos garantem a confidencialidade dos dados coletados nesse material durante a condução desse trabalho. Caso a Sr.ª queira saber mais detalhes sobre o projeto e os resultados da pesquisa, poderá entrar em contato com a Prof.a Dr.a Elza Conceição de Oliveira Sebastião, pelo telefone (31) 99346.8388 e e-mail elza.oliveira@gmail.com, ou com o estudante Bruno de Resende Vieira, pelo telefone (31) 99909-2771 e e-mail bruno.res.vieira@gmail.com. Caso o/a Sr/Sr.ª tenha alguma dúvida ética com relação ao projeto, poderá entrar em contato com: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP; Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Universitário – Morro do Cruzeiro; Tel: (31) 3559-1367; Email: cep@propp.ufop.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Confirmando que li e/ou ouvi os esclarecimentos sobre a pesquisa, fui informada/o dos objetivos da pesquisa proposta, de maneira clara e detalhada. Esclareci minhas dúvidas e sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Compreendi para que serve o estudo e como será minha participação. A explicação que recebi esclareceu os riscos e benefícios da pesquisa. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso me não afetará. Sei que meu nome não será divulgado. Sei que em caso de dúvidas entrarei em contato com Prof.a Dr.a Elza Conceição de Oliveira Sebastião, pelo telefone (31) 99346.8388 e e-mail elza.oliveira@gmail.com, com o estudante Bruno de Resende Vieira, pelo telefone (31) 99909-2771 e e-mail bruno.res.vieira@gmail.com, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Universitário – Morro do Cruzeiro - Tel.: (31) 3559-1367 - E-mail: cep@propp.ufop.br. Declaro que após convenientemente esclarecida/o e ter entendido o que me foi explicado, aceito participar da pesquisa. Ouro Preto,dede 2018.

MARQUE UMA DAS OPÇÕES:

- () Aceito participar SEM gravação de minha voz;
- () Aceito participar COM gravação de minha voz normal;
- () Aceito gravação, mas COM alteração da minha voz Sua assinatura ou rubrica.

ANEXO C - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
OURO PRETO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uso Tradicional e Místico de Plantas

Pesquisador: ELZA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA SEBASTIÃO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79959317.6.0000.5150

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ouro Preto

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.429.886

Apresentação do Projeto:

Introdução e justificativa: O conhecimento tradicional possui origem milenar, e por muito tempo foi a principal forma de tratamento e prevenção de doenças. Nos últimos séculos, a industrialização e o surgimento das empresas farmacêuticas impregnou na sociedade ocidental comportamentos e percepções que relegaram a segundo plano, o conhecimento tradicional e aspectos culturais dos povos. Estudos mostram que a civilização ocidental dá importância exacerbada ao saber científico cartesiano em detrimento do conhecimento tradicional, valorizando a terapêutica alopática e química, prescindindo os tratamentos que consideram corpo, mente, espírito/alma, culturas. **Objetivo:** Essa proposta pretende abordar o uso místico de plantas, buscando o reconhecimento da cultura tradicional, inclusive identificando práticas auto curativas, tão presentes na sociedade brasileira, como formas complementares de cuidado. **Metodologia:** pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semi-estruturadas feitas com voluntários especialistas do uso místico e tradicional de plantas participantes de um grupo de estudos de uma casa espírita selecionada por conveniência. **Resultados esperados:** Já é sabido e reconhecido que são fatores importantes no processo saúde/doença a religiosidade, a fé, a conexão dos povos com a natureza e o uso místico de remédios, que muitas vezes levam em conta o caráter da designação divina e da energia vital. Espera-se entender se uso místico de plantas faz parte do processo de cura de alguns atores identificados como especialistas, conhecer algumas formas de uso de plantas relacionados a indicações religiosas, a cura de pessoas, de animais e mesmo de lavouras, o uso de

Endereço: Morro do Cruzeiro-ICEB II, Sala 29 -PROPP/UFOP
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 35.400-000
UF: MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 **Fax:** (31)3559-1370 **E-mail:** cep@propp.ufop.br

Continuação do Parecer: 2.429.886

plantas na forma de benzeção, chás, banhos, incensos, garrafadas e outros rituais. Por fim, espera-se compreender ou identificar quais plantas são usadas como recursos terapêuticos místicos e como os especialistas se relacionam com este uso.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário: Estudar o uso tradicional/místico de plantas no tratamento de problemas físicos e psíquicos por especialistas.

Objetivo Secundário:

1. Identificar, por meio de entrevistas a especialistas, quais plantas são de uso místico para o tratamento de problemas físicos ou psíquicos;
2. De uma planta específica apontada por especialistas como de uso místico e eficácia terapêutica dentre as citadas, levantar as suas possíveis ações, partes utilizadas e sua forma de uso;
3. Realizar a sua caracterização botânica por pesquisa bibliográfica científica;
4. Realizar revisão de literatura sobre ações terapêuticas comprovadas cientificamente desta planta;
5. Fazer uma abordagem sobre os benefícios/riscos do uso místico da planta segundo a literatura e à luz de conhecimentos fitoquímicos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A metodologia proposta para a realização da coleta de dados não pressupõe utilização nenhum tipo de instrumento que cause dor ou dano físico e nenhum tipo de atividade que comprometa a integridade física dos participantes. Pode ser entendido que a metodologia proposta poderá causar algum tipo de desconforto aos participantes que não se sintam inteiramente à vontade para falar sobre o tema. A fim de minimizar esses constrangimentos, caso o participante não se sinta confortável em responder algumas questões a mesma será respeitada, passando para uma próxima pergunta, ou se necessário e solicitado pelo participante a entrevista será suspensa.

Formas de garantir anonimato e confidencialidade: Quanto ao aspecto ético, o projeto de pesquisa só será desenvolvido após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto. As entrevistas serão gravadas utilizando um aparelho celular e posteriormente o arquivo digital será gravado e salvo com senha de proteção para acesso. Haverá a transcrição na íntegra das entrevistas e todos os arquivos ficarão, por 5 anos, sob a guarda da Prof.a Dr.a Elza Conceição de Oliveira Sebastião, no armário do laboratório de Farmácia Clínica, sala 28 da Escola de Farmácia –

Endereço: Morro do Cruzeiro-ICEB II, Sala 29 -PROPP/UFOP
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 35.400-000
UF: MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 **Fax:** (31)3559-1370 **E-mail:** cep@propp.ufop.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
OURO PRETO



Continuação do Parecer: 2.429.888

Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais. À cada participante será atribuído um codinome e nomes que podem vir a surgir nos relatos que identificam claramente os sujeitos serão modificados. Caso a participante se sinta desconfortável em gravar sua voz, será utilizado um gravador com recursos especiais que alterarão a voz da colaboradora. Se assim mesmo não permitirem a gravação de voz, será realizada a entrevista (para evitar constrangimento), mas os dados não serão transcritos nem usados como participantes no estudo. Os voluntários serão informados sobre a importância de sua participação, assegurando-lhes o anonimato e a liberdade de desistir sem nenhuma perda pessoal ou financeira. A pessoa que optar por participar da pesquisa ficará ciente de que os dados obtidos serão apresentados a elas, bem como publicados em veículos de propagação científica sejam eles favoráveis ou não. Após todos os esclarecimentos a participante deverá assinar o TCLE.

Benefícios:

Vantagens da realização do estudo proposto: Os dados coletados, após a aplicação do questionário, serão compilados, analisados e organizados de forma adequada a possibilitar o levantamento dos fatores que contribuem para o uso místico e tradicional de plantas pelos indivíduos do grupo estudado. A fim de contribuir com o grupo, serão oferecidas palestras ou material impresso/digital sobre o tema uso místico de plantas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa do curso de Farmácia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos referentes à resolução CNS 466/2012.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1030880.pdf	10/11/2017 10:26:54		Aceito
Outros	roteiro.pdf	10/11/2017 10:25:29	ELZA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Morro do Cruzeiro-ICEB II, Sala 29 -PROPP/UFOP
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 35.400-000
UF: MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 **Fax:** (31)3559-1370 **E-mail:** cep@propp.ufop.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
OURO PRETO



Continuação do Parecer: 2.429.886

Outros	roteiro.pdf	10/11/2017 10:25:29	SEBASTIÃO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	10/11/2017 10:25:04	ELZA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA SEBASTIÃO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	uso_mistico_plantas.pdf	10/11/2017 10:24:48	ELZA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA SEBASTIÃO	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	10/11/2017 10:24:38	ELZA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA SEBASTIÃO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

OURO PRETO, 11 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Núncio Antônio Araújo Sól
(Coordenador)

Endereço: Morro do Cruzeiro-ICEB II, Sala 29 -PROPP/UFOP
Bairro: Campus Universitário CEP: 35.400-000
UF: MG Município: OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 Fax: (31)3559-1370 E-mail: cep@propp.ufop.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: Local:

Dados de identificação e qualificação do entrevistado (Nome, Idade, Renda familiar, Naturalidade, Tempo que vive no endereço atual, Trabalha? Profissão, Ocupação, Escolaridade)

1. Qual a sua opinião sobre o Uso Místico de plantas? Na sua opinião, porque as pessoas recorrem ao Uso Tradicional e Místico de plantas? A sra/ O sr usa alguma planta para tratar as doenças do corpo ou da alma das pessoas? Se sim, quais?
2. (Para cada planta) Por que usa?
3. Como acredita que ela funciona? Por que essa planta tem “poder”?
4. De que forma usa? (como é o cultivo, como prepara? Quais as características (flores, frutos, aroma, cor, tamanho e etc) da planta, Qual a parte utilizada, Forma de uso: chá (agua), maceração, infusão, decocção, chá (leite), alcoolatura (cachaça), vinho, xarope, garrafada , compressa , unguentos , banhos, benzeção, cataplasma, pomada , inalação , outros: Como é preparado a forma utilizada? Qual a quantidade/ dosagem utilizada no preparo? Como coletar a parte usada? Qual melhor época de colheita? Usou em você e/ou em outra pessoa? Qual hábito de Crescimento da planta: erva, arbusto, árvore , trepadeira, outro. Ambiente de coleta: mato, campo, capoeira, beira de estrada, terra abandonada, beira de estrada, outro. Costuma armazenar? De que forma? Costuma guardar a planta seca para uso posterior?)
5. Acha que essa planta tem algum perigo? Conhece algum efeito indesejável ao usar a planta? Conhece alguma contraindicação do seu uso?
6. Com quem aprendeu sobre essa planta? Nome: Endereço:
7. Desde quando usa ou conhece o uso?
8. Com quem conseguiu a planta? Nome: Endereço:
9. Você considera o uso desta planta como popular, místico, as duas opções ou outro?
10. A informação sobre o Uso tradicional e místico de plantas é transmitida, muito fortemente, pela “memória oral”. Sabe-se, contudo, que muitos desses saberes perdem-se e já se perderam nessa transferência. Essa informação precisa ser registrada. Como vê isso? Como você acha que deveria ser a disseminação da informação sobre o Uso tradicional e místico de plantas?

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Escola de Farmácia

CERTIFICADO DE CORREÇÃO

Certifico que a discente **Bruno de Resende Vieira**, número de matrícula 14.1.20.78, defendeu a Monografia intitulada “**As plantas, a farmácia e o sagrado: aspectos do uso popular e o seu lugar na sociedade contemporânea**”, em 03 de Dezembro de 2018 e **REALIZOU TODAS AS CORREÇÕES REQUERIDAS PELA COMISSÃO AVALIADORA.**

Ouro Preto, 12/12/2018

Profa. Dra. Elza Conceição de Oliveira Sebastião
Orientadora
(DEFAR-EF-UFOP)